

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS -
CCH PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL - PPGMS

Exu e Orosina Vieira: Caminhos de memória e resistências nos muros da Maré

Dayana Gusmão da Silva

Rio de Janeiro
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL - PPGMS

Dayana Gusmão da Silva

Exu e Orosina Vieira: Caminhos de memória e resistências nos muros da Maré

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Orientadora: Prof. Dra. Andrea lopes

Linha de pesquisa: Memória e Espaço

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

Gusmão da Silva, Dayana Exu e Orosina Vieira: Caminhos de memória e resistências nos muros da Maré. – Rio de Janeiro, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Programa de Pós Graduação em Memória Social, 2023.

1. Favela.
2. Orosina.
3. Exu
- 4- Memória e resistências.
- 5- Pedagogia da Encruzilhada
- 6- Maré

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL – PPGMS

Dayana Gusmão da Silva

Exu e Orosina Vieira: Caminhos de memória e resistências nos muros da Maré

Rio de Janeiro, ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Manoel Lima, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Profa. Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira (orientadora) Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof. Dr. Luis Antonio Baptista, Universidade Federal Fluminense – UFF

Dedico esse trabalho a todas as mulheres da Maré que acreditam no potencial da luta social organizada, na força da memória enquanto uma ferramenta política que atravessa os tempos e as gerações.

Dedico ainda aos mortos que homenageei nesta pesquisa: Marielle Franco, Marcus Vinicius, Bira Carvalho, Orosina Vieira e todos os mortos que têm seus nomes no Memorial às Vítimas de Violência Armada que fica na divisa.

Salve Orosina Vieira!

Salve Marielle Franco!

Salve Rocco!

Salve Bira Carvalho!

Agradecimentos

Ao chão da Maré, solo sobre o qual pisei desde quando nasci e que também recebeu minha avó Almerinda Maria da Silva, costureira, corinthiana, indígena. Solo que generosamente me conferiu o título de filha do mangue. À cada pessoa que ajudou a aterrar esse pedaço da Baía da Guanabara fazer surgir esse chão que me sustenta, minha gratidão!

Ao Rocco por me inspirar para o desafio de escrever sobre a exposição A Maré em 12 Tempos, exposição permanente no Museu da Maré. À toda equipe do Museu da Maré que me acolheu com carinho, em especial à Dona Vera, Marilene e à Cláudia Rose que não me deixou desistir quando perdemos Rocco e me ajudou a ver possibilidades nas vivências da favela reorientando minha pesquisa.

Ao Bira Carvalho por ser uma fonte de inspiração e me ensinar a olhar uma mesma imagem sob diversos ângulos diferentes e acreditar que a alegria é a maior potência da favela.

À cada mulher da Maré que me concedeu entrevista, minha gratidão. Esse trabalho não sairia sem a construção de vocês, sem a generosidade que vocês tiveram para compartilharem suas memórias comigo.

À Suellen Araújo, Isabel Barbosa núcleo de amigas que não me abandonaram em nenhum momento, me arrancando risadas das próprias peripécias acadêmicas, fazendo da alegria uma co-orientadora.

À minha companheira Beatriz Adura, pelo estímulo cotidiano e pelas trocas tão importantes para a construção deste trabalho.

À cada contador/contadora de história na Maré que manteve vivas as memórias mareenses de modo que eu pudesse acessá-las para este trabalho. Salve os guardiões e as guardiãs da memória, nossas griôs (Laroye!).

A Yalorixá Lenira Doxum por me guiar em caminhos desconhecidos das memórias orixás destruídas pelo racismo nos processos de dominação branca.

Ao professor e meu querido amigo Luis Antonio Baptista por me mandar apostar no desejo de falar da memória mareense com as lentes de Walter Benjamin e Exu.

À minha banca de qualificação que generosamente reorientou o caminho reflexivo desta pesquisa e à minha orientadora pela paciência para orientar uma pessoa movida pela energia da correria e do caos.

Resumo

Este trabalho buscou compreender os processos de resgate de memórias do Complexo da Maré, favela composta por dezesseis favelas localizada na zona norte do município do Rio de Janeiro, tendo como foco a trajetória de Orosina Vieira e sua importância no processo de fundação da Maré.

Para isso, realizei pesquisa de imagens no Arquivo Orosina Vieira, pesquisa bibliográfica, pesquisas de campo para mapeamento de imagens e entrevistas com pessoas que compõem movimentos pelo direito à memória na Maré. Ainda neste movimento de construção, consultei os conhecimentos ancestrais da Yalorixá Lenira DOxum para erguer a triangulação entre os processos de resgate de memória na Maré, os aprendizados da sabedoria do orixá Exu e as teorias de Walter Benjamin . Para sustentar esta triangulação me apoiei na teoria da pedagogia da encruzilhada de Luiz Rufino e no conceito de corpo território de Rogerio Haesbaert para erigir um debate sobre a memória na Maré como fruto de trabalho coletivo , insistente e insubmisso.

Partindo desta análise, debruço-me sobre a problemática da disputa de narrativa das memórias da favela enquanto dispositivo de reorientação de ações políticas na Maré. Para marcar esta insubmissão da memória, penso Exú enquanto energia do caos, energia de criação de novos processos. Na sabedoria de Exú o principal fundamento é que ele é o orixá que arruma briga, mas à cada vez que ele cria o caos, algo novo nasce. Assim, entendo os processos de resgate de memória na Maré muito similares, aproximando-se muito deste movimento: uma memória específica é resgatada, pintada nos muros para fomentar debates e desejos, na maioria das vezes desembocando em processos de luta por direitos sociais e políticos, conferindo à Maré o título de favela que luta, portanto, que arruma briga.

Abstract

This work sought to understand the memory recovery processes of Complexo da Maré, a favela composed of sixteen slums located in the northern part of the city of Rio de Janeiro, focusing on the trajectory of Orosina Vieira and her importance in the founding process of Maré.

For this, I carried out image research at the Orosina Vieira Archive, bibliographical research, field research to map images and interviews with people who make up movements for the right to memory in Maré. Still in this construction movement, I consulted the ancestral knowledge of the Yalorixá Lenira DOxum to build the triangulation between the memory rescue processes in Maré, the learning of the wisdom of the orixá Exu and the theories of Walter Benjamin . To sustain this triangulation, I relied on Luiz Rufino's theory of crossroads pedagogy and Rogerio Haesbaert's concept of body territory to raise a debate on memory in Maré as the result of collective, insistent and unsubmissive work.

Starting from this analysis, I focus on the problematic of the narrative dispute of the memories of the favela as a device for reorienting political actions in Maré. To mark this insubordination of memory, I think of Exú as the energy of chaos, energy for creating new processes. In Exú's wisdom, the main foundation is that he is the orixá who starts a fight, but every time he creates chaos, something new is born. Thus, I understand the memory rescue processes in Maré to be very similar, very close to this movement: a specific memory is rescued, painted on the walls to encourage debates and desires, most often leading to processes of struggle for social and political rights , giving Maré the title of favela that fights, therefore, that picks fights.

LISTA DE IMAGENS E MAPAS

Figura 1: "Foto da Rua Praia de Inhaúma em 1949".....	19
Figura 2: "Barraco de Orosina"	20
Figura 3: "Peixes salgados"	24
Figura 4: "Lica"	26
Figura 5: "Mapa da Maré".....	33
Figura 6: "Valdean criador do MIIM - Museu de Imagem Itinerante da Maré	37
Figura 7: "Anastácia escravizada"	38
Figura 8: "Anastácia livre	39
Figura 9: "Casa da Divisa"	42
Figura 10: "Praça da paz.....	44
Figura 11: "Placa do memorial	45
Figura 12: "Camisa com sangue ".....	49
Figura 13: "Selfie Bruna e Marcus Vinicius ".....	50
Figura 14: "Muro do Brizolão do Pinheiro"	51
Figura 15: "Muro do Museu da Maré"	54
Figura 16: "Rosto de Orosina"	55
Figura 17: "Mulher com facão"	75
Figura 18: "Passaro sankofa"	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População residente na Maré.....	25
Tabela 2: estrangeiros residentes na Maré por território	27
Tabela 3: estrangeiros residentes na Maré segundo o sexo por país de nascimento.....	27
Tabela 4: Mapeamento de Ongs e Coletivos Sociais na Maré	28

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	12
1. <i>Orosina, o início do texto</i>	17
1.1 <i>A Maré: perfil populacional, avanços e lutas</i>	23
2.0 Encruzilhadas da memória.	38
2.1 A casa da divisa	43
2. 2 O muro do brizolão	50
2.3. Muro do Brizolão	53
2.4. As encruzilhadas dos muros	57
3.0. Exu e as insurgências da memória mareense	64
3.1. Parada na encruzilhada , o facão e a garruchinha saúdam Exú.....	72
3.1.2 Facão e garruchinha	74
3.1.3 Ervas e chás	77
4.0. Conclusão	83
4.1. ANEXO - entrevistas	
Bibliografia	

Introdução

Uma enorme colcha de retalhos bastante colorida é a melhor imagem que consigo concretizar quando preciso explicar o Complexo da Maré. Compreender a Maré como polifônica, migrante, multicultural, com grande diversidade de pessoas é o primeiro marco social neste trajeto.

Um marcador importante desta pesquisa é que sou uma pesquisadora nascida, criada e aterrada pelos afetos no Complexo da Maré, escrever sobre as memórias deste território me convoca o tempo todo como alguém profundamente ligado àquele lugar exigindo muita atenção para não escrever sobre vivências apenas, por si só, mas direcionar o que entendo das vivências como pano de fundo de minha pesquisa guardando marcador crítico.

O mito fundador também é outro marcador importante no entendimento do que se construiu naquele espaço. Toda contação de história sobre a origem da Maré começa com a épica narrativa sobre uma mulher que se encanta pela beleza e pelo ar puro do lugar, se fixa nele e monta seu primeiro barraco com madeiras que a Baía da Guanabara lhe entrega. Embora ela tivesse um marido, que em linhas gerais dividiria com ela o título de primeiro morador da Maré, nas contações de história ele passa quase imperceptível ao passo em que ela assume a centralidade na memória do que ao longo dos tempos se constituiu como Complexo da Maré.

A memória da Maré é entrelaçada com processos de resistência e luta, seja para garantir a permanência dos habitantes naquele espaço físico, pela garantia do direito à vida, entre outros direitos que qualquer outro espaço da cidade não favelizado tem como “direito nato”. Construir lutas coletivas para melhoria do espaço físico acaba por mobilizar muito algumas localidades da Maré, sobretudo as mais precárias ou mais alvo das operações policiais e outras políticas de morte do Estado.

No caso da construção da noção de cria e desse sentimento fundante, acredito que o processo coletivo de aterramento da maré para fazer nascer um chão firme, criou fortes laços de coletividade e identidade local desde os primórdios desta favela. Ao passo em que todas e todos trabalhavam juntas e juntos para fazer nascer daquelas águas o chão para erguerem seus barracos, laços de amizade, parceria e irmandade foram se colocando e com a modulação do tempo passou a se

refletir sob a forma de sentimento de pertencimento, a sensação de cria de algum lugar para quem antes não era cria de lugar algum, era apenas um migrante em busca de melhores condições de vida. De algum modo esse sentimento do andarilho que acha um lugar pra chamar de seu vai sendo atravessado por outras incidências ao longo do tempo, outros desejos o alimentam, mas em sua base permanece a mesma narrativa de gratidão a um lugar que o possibilitou viver de modo mais humano.

Esta pesquisa se construiu no cotidiano da sociabilidade do Complexo da Maré fortemente triangulada com os saberes teórico-metodológicos sobre os quais se apóiam os debates da memória acrescidos de autoras, autores e pessoas que produzem memórias na Maré.

No que tange à metodologia, vale dizer que no início deste trabalho eu havia escolhido 10 muros para dialogar com as imagens pintadas neles. Essa escolha não havia sido aleatória. Todos eram muros localizados em espaços de becos e encruzilhadas e traziam imagens importantes nos debates da favela. Ao longo das reflexões considerei muito material para trabalhar e decidi recortar usando dois critérios o primeiro, muros que se situavam em encruzilhadas, para dialogar diretamente com a pedagogia das encruzilhadas proposta por Luis Rufino (2018) e o segundo muros que são usados para mensagens importantes nos processos de mobilização da favela. Assim escolhi três sendo um muro em uma das partes mais temidas da favela, a divisa. Outros dois, sendo um na Vila dos Pinheiros, favela onde residia Marcus Vinicius, moleque assassinado pela polícia em 2018 na Maré e um muro no pé do Morro do Timbau, primeira favela do Complexo, lar original da fundadora, dona Orosina Vieira. Nesse sentido, os três muros escolhidos são importantes por si só e por uma memória coletiva dos moradores da Maré.

Escolhidos objetos da pesquisa, busquei mulheres que estão envolvidas em processos de luta na favela e que estão ligadas de algum modo com as memórias impressas nos muros. Conversei com elas tendo como roteiro cinco perguntas abertas que foram norteadoras. Essas mulheres são: Marilene Nunes, coordenadora da Biblioteca Elias José que fica no Museu da Maré. Símbolo de força na luta contra o fechamento do Museu da Maré, ela é uma mulher conhecida no território por estar sempre envolvida em processos coletivos de lutas por direitos; Vera Marta, sobrinha

neta de Orosina Vieira. Ela faz parte da equipe do Museu da Maré; Claudia Rose, diretora do Museu da Maré, trabalha com processos de educação e museologia social na Maré há décadas e também é respeitada como uma liderança; Bruna Silva, mãe de Marcus Vinícius, se tornou uma liderança no movimento social de mães de vítimas de violência de Estado após 2018 quando o filho foi assassinado pelo pela polícia, é também ativista na luta pelo direito à memória tanto de seu filho como dos filhos de suas companheiras de luta no grupo de mães; Camila Felipe jovem, estudante de odontologia, envolvida em processos de luta na pauta de mulheres LBT e processos de arte e cultura favelada. Apesar de jovem, é reconhecida como liderança local.

Trabalhei com seis perguntas sendo cinco exatamente iguais para todas e a sexta direcionada ao muro com o qual aquela entrevistada se relaciona. As conversas foram gravadas com autorização das ouvidas. As perguntas gerais feitas foram as seguintes:

- 1- Você pode se apresentar, por favor?
- 2- O que a Maré representa pra você?
- 3- Qual sua opinião sobre o processo de resgate de memória que acontece via muros na Maré?
- 4- Você vê relação entre a existência das mulheres na favela e a luta por direitos? Como ela se dá?
- 5- Se você pudesse mandar uma mensagem para dona Orosina Vieira, fundadora da Maré, qual mensagem seria?
- 6- Você tem um familiar estampado nos muros.. Sobre esse muro especificamente gostaria de saber .
 - A) O que essa imagem representa pra você?
 - B) O que a presença dessa imagem naquele muro especificamente representa pra você?

Esta pergunta de número seis foi direcionada à Marilene Nunes para falar sobre a casa da divisa, à Vera Marta para falar sobre o muro do Museu da Maré e à Bruna Silva para falar sobre o muro da Vila dos Pinheiros.

Este percurso metodológico não foi fácil, mas se fez necessário para que mais pessoas do Complexo da Maré pudessem ser envolvidas nesta pesquisa conferindo à ela pluralidade, coletividade e confiabilidade. A escolha de ouvir apenas mulheres é também um ato político que vem ao encontro do entendimento de Angela Davis (2016), pois se, “quando uma mulher negra se movimenta, toda estrutura da sociedade se movimenta com ela” me interessa compreender qual a importância das mulheres da Maré no trabalho de memória deste conjunto de favelas.

É inegável que esta escolha tem marco político de trazer à baila corpos divergentes colocando-os sob os mesmos holofotes que os clássicos da memória não para confrontar os saberes, mas para acrescê-los. Esta escolha é construída para fortalecer o movimento de afirmação da vida na favela, de uma vida com possibilidades de alegria e construções positivas mesmo sob constantes ataques e desmontes do Estado, crescimento dos grupos de tráfico e outras incidências que acabam por construir uma sociabilidade violenta¹ que marca a vida e a experiência afetiva de quem vive naquele espaço.

A compreensão de território utilizada nesta pesquisa compreende a Maré como um corpo-agua-terra-território, fortemente baseado nas conceituações do geógrafo Rogério Haesbaert (2020) que defende a noção de território-corpo deslocando o humano do centro da memória e dando esta centralidade ao entorno com o qual os corpos se relacionam, formando outro território que diverge da noção de território enquanto tecnologia de poder e o localiza enquanto possibilidade de afirmação da vida. Utilizei a ideia de corpo-agua-terra-território aqui, como forma de adaptar o conceito de Haesbaert para a experiência de corpo enquanto portador de memória da Maré, Chamo então de “*água*” porque a baía da Guanabara é o início de tudo, modulando não só as relações afetivas como as relações sociais e comerciais da Maré. Sigo afirmando “*terra*” porque o chão da Maré não é um chão comum, é resultado do aterramento feito por moradoras e moradores cotidianamente, assim esse chão é resultado do trabalho coletivo tem suas memórias e por fim afirmo “território” e finco território não enquanto uma simples

¹ Termo de LAM Silva (2004).

tecnologia de poder, aliás, longe disso! Aqui território é marcado enquanto local de pertencas, de memórias que aparecem nas narrativas das moradoras e moradores como algo que serve de força motriz para as ações na favela. É olhando para o passado que se gesta na Maré o ovo do futuro que ao mesmo tempo atualiza o passado colocando camadas de sobreposição de distintos tempos.

Esses tempos são acessados no trabalho de memória² que insistentemente e de diversas formas as pessoas que habitam o Complexo da Maré constroem cotidianamente. A insistência no resgate de memórias importantes para a favela tem sido frequente nas narrativas de pessoas do Museu da Maré, Centro de Artes da Maré, Redes da Maré, Centro de Estudos e Ações Solidárias da maré (CEASM) entre outros grupos que são importantes na reprodução desse bem imaterial .

Nesse sentido afirmar um corpo-agua-terra-território nessa ordem sinaliza que para existir a Maré se comporta como único corpo que rege um movimento sobre as águas erguendo dela seu chão e transformando-a em território multicultural, diverso, embebido de memórias de coragens , de lutos , de alegrias e tristezas, derrotas políticas e pequenos avanços políticos.

Escolho este marcador porque compreendo a Maré como um grande corpo, que se movimenta às vezes desordenadamente como um corpo que cresceu mais do que deveria, mas que também exerce movimentos síncronos, na mesma direção tendo como energia motriz a força das mulheres. Utilizo ainda esta definição de território porque é inegável que a Maré como conhecemos hoje só é possível pela relação entre os humanos, a baía da Guanabara e o aterro que foi sendo paulatinamente posto sobre as águas fazendo emergir um chão. Importa lembrar aqui que o espaço físico sólido da Maré era composto apenas por duas ilhas que eram o morro do Timbau e a ilha Rhesus, hoje chamada de Parque ecológico do Pinheiro. Ao longo do tempo, a população foi colocando aterro sobre aterro, obrigando as águas a recuarem dando origem a um chão sólido. Este processo de aterramento foi tão intenso que hoje todo o solo da favela é aterro. Essas águas aterradas levaram consigo muitas crianças que morreram afogadas ao caírem das palafitas, levaram portanto memórias, geraram dores, afetos distintos e ao mesmo tempo trouxeram a alegria de conexão das casas, das memórias das pessoas que

² Termo de Halbwachs (1990)

habitam esse chão erguido por mãos humanas. Desta relação entre humanos e o meio ambiente se forma um território físico e afetivo que não pode ser desvinculado porque são um só.

Assim, este corpo-agua-terra-território cotidianamente se movimenta, cria narrativas, se expressa nas artes, no vocabulário favelado (que há quem invoque mareense) ou em qualquer lugar da favela afinal nos muitos hectares de terra do Complexo da Maré tudo tem memória . A partir deste olhar, escolhi três muros com imagens que chamo de portais da memória a partir do entrelaçamento entre os escritos de Walter Benjamin, Luis Rufino e autores que trazem para o cenário a sabedoria iorubá do orixá Exu. Para esta empreitada de costura com o orixá recorri também à sabedoria ancestral acumulada da Yalorixá Lenira D'Oxum. Sigo buscando compreender estas reverberações e a responsabilidade das memórias evocadas nessas imagens para os processos de organização social e luta por direitos na Maré.

1. Orosina, o início do texto

O primeiro nome do único morro da Maré era morro dos Caetés. Segundo relatos contidos nos documentos do Arquivo Orosina Vieira³, o morro havia sido moradia de uma etnia indígena chamada Caeté e foi assim apelidado em algum momento histórico e replicado no tempo pelos frequentadores do cais do porto que funcionava aos pés da rocha banhada pela baía da Guanabara. O então morro dos Caetés até os anos 1930 não era habitado de modo contínuo como moradia, mas nunca foi uma região abandonada ou isolada, o Porto de Inhaúma, que fazia parte de uma cadeia importante na economia do Rio de Janeiro, movimentava intensamente o local e existem relatos de chácaras de produção de alimentos e criação de animais para a produção de leite e derivados.

³ Arquivo Digital do acervo do Museu da Maré



Foto da Rua Praia de Inhaúma em 1949 . Fonte: Acervo Biblioteca Nacional

Segundo registros do Arquivo Orosina Vieira, este porto foi construído em 1570 pelos Jesuítas e foi desativado em em 1967. O porto foi desativado, mas certamente a ambiência comercial que ele instaurou ficou, de algum modo, nas entranhas das marés e foi trazida para construir os dias atuais, assim como as tábuas do barraco de Orosina que, pelas narrativas , vieram flutuando sobre as águas e ela pacientemente juntou fazendo sua moradia pouco a pouco.

“Muito pouco da história da formação do bairro Maré foi escrito, e o pouco do que se dispõe a respeito do assunto, pode ser encontrado em fragmentos dispersos em documentos oficiais e livros que tratam da história geral da cidade do Rio de Janeiro e de seus bairros. No entanto, graças à ação militante de alguns indivíduos da Maré, em especial pessoas ligadas ao CEASM, estes dados vêm sendo reunidos, ajudando a construir um histórico mais denso e substancial sobre as ocupações e transformações urbanas do bairro. Antônio Carlos Vieira, um dos fundadores do centro, a partir de extensa bibliografia, estudos em arquivos e depoimentos de moradores, coletou e organizou um conjunto de informações que deu origem ao trabalho denominado “História da Maré” (Vieira, 2002), que contribui

para a compreensão do discurso dos militantes do CEASM sobre a região. Este texto inédito tem sido utilizado como fonte bibliográfica para a realização de estudos e exposições, e é com ele que passei a dialogar para a construção do histórico que se segue.” (Oliveira, 2003, p. 33)

Em finais dos anos 1930, segundo dados do Arquivo Orosina Vieira, Dona Orosina chega ao morro dos caetés, que posteriormente passa a se chamar morro do Timbau, do tupi-guarani "Thybau", que significa "entre as águas". Tratava-se, originalmente, de um espaço seco no meio da região de manguezal do local. Encontrar-se com a beleza da Baía da Guanabara foi um marco para Dona Orosina que sempre repetia que a Maré parecia um paraíso quando ela desembarcou aqui. Rezadeira, parteira, artesã, mulher que enfrentava militares, essas eram algumas das muitas habilidades que Orosina acumulava e por falar em origem, na tradição iorubá, “oro” significa texto já a expressão “oro sina” significa texto inicial ou palavra inicial. É consenso entre profissionais do Museu da Maré que Orosina não foi a primeira habitante da Maré, mas que ela foi a primeira a construir um barraco para si, a invocar o espaço como um lugar de moradia e passou a construir nele um lugar de pertencas, enfrentando inclusive machismo, racismo e inúmeras violências . Na imagem um barraco isolado, na maré dos anos 1940 nos lembra o barraco de Orosina.



Barraco de Orosina Fonte: Arquivo Orosina Vieira

Todos os relatos colocam Orosina como uma mulher forte e protetora. Claudia Rose⁴, entrevistada para este trabalho, conta que Orosina andava com um facão para defender a si mesma e aos outros. Segue dizendo que o senso de comunidade da rezadeira fazia com que outras pessoas se aglutinassem próximo ao seu barraco buscando parceria e proteção. Viveu assim exalando coragem e força e ,

“ faleceu em 1994, com aproximadamente 102 anos, era rezadeira e parteira. Migrante de Ubá, Minas Gerais, Orosina trazia o marido frequentemente para passeios medicinais na Maré que, naquela época, era uma enseada com várias praias e ilhas. O ar puro do lugar era recomendado para tratar tuberculose e dona Orosina acabou se encantando com as belezas naturais da região. Por isso, ela e o marido resolveram vir morar na Maré, escolhendo um lugar seguro, um ponto alto à beira mar. Os dois subiram o Morro do Timbau e ali cercaram um terreno, construíram um barraquinho com um quintal para cultivar uma horta, assim como faziam no interior de Minas. Era mulher de fibra! Chegou a enfrentar o Exército, denunciando ao próprio presidente Getúlio Vargas a cobrança

⁴ Coordenadora do Museu da Maré e cria da baixa do sapateiro.

irregular de taxas que os militares do 1º BCC (Batalhão de Carros de Combate) praticavam na região, extorquindo os moradores do Morro. Getúlio respondeu dona Orosina dizendo que a cobrança estaria suspensa! (Museu da Maré, 2020).

“Meu nome é Vera Marta, sobrinha neta de Orosina, fundadora da Maré.” É assim com suntuoso orgulho que Vera começa nossa conversa. O afeto pela fundadora da Maré apareceu em todas as falas das cinco mulheres escutadas nessa pesquisa. Existe uma gratidão a ela nas narrativas. A tradução do nome de Orosina pensando interlocução com a tradição iorubá revela um traço importante na contação das memórias da Maré, de fato ela foi nosso “texto inicial”.

A chegada de Orosina instaura aquele espaço geográfico como território, parido por esta mulher com tanta força que mais de oitenta anos depois ainda a consagra como figura mais importante da memória mareense. Ele passa a representar moradia, afeto, implicação. No mesmo movimento instaura a nossa primeira griô⁵, aquela que terá a responsabilidade de transmitir suas memórias sobre a história da Maré para as gerações futuras, implementando círculos geracionais que se sobrepõem. Mas ao mesmo tempo ela é parte importante da história que conta.

A história da Maré é composta de corpos- territórios⁶ e instaura o próprio território como corpo. Como num terreiro onde todos são parte de um mesmo corpo espiritual, cada pessoa que habita a Maré se torna parte deste corpo, faz crescer a grande teia da memória e sincroniza um movimento que pouco a pouco vai parindo processos.

Compreendendo território não como tecnologia de poder, mas como algo ancestral que rege corpos e remonta relações. É assim que marco o conceito de território adotado neste texto. A terra, essa terra-água, tem valor simbólico. O

⁵Da tradição yorubá, griô é uma figura portadora de memória e responsável por repassá-las às gerações seguintes mantendo vivas as memórias de um povo. Invocar Dona Orosina como uma griô significa atribuir à ela um título importante no campo da memória, fazendo com que ela aja como uma pedra de Exu que é lançada do passado afetando irrevogavelmente o presente.

⁶ Rogerio Haesbaert, 2020 p. 02

geógrafo Rogério Haesbaert (2020) apresenta o conceito de corpo enquanto território terra.

É o que pretendo abordar neste trabalho, tomando como referência o conceito de corpo-território, num jogo com o que proponho chamar “território-corpo”.

A conceituação de território em nosso contexto vai muito além da clássica associação à escala e/ou à lógica estatal e se expande, transitando por diversas escalas, mas com um eixo na questão da defesa da própria vida, da existência ou de uma ontologia terrena/territorial, vinculada à herança de um modelo capitalista extrativista moderno-colonial de devastação e genocídio que, até hoje, coloca em xeque a existência dos grupos subalternos, especialmente os povos originários. Desdobram-se assim desde os territórios do/no corpo, íntimo (a começar pelo ventre materno), até o que podemos denominar territórios-mundo, a Terra como pluriverso cultural-natural ou conjunto de mundos – e, conseqüentemente, de territorialidades – aos quais estamos inexoravelmente atrelados. Tudo isso se desdobra hoje dentro daquilo que se designa como pensamento decolonial², uma busca por pensar nosso espaço e, de alguma forma, o próprio mundo, considerando as bases espaço-temporais – a geo história, enfim – em que estamos situados.p.02

Nessa mesma linha, penso cada mareense como um corpo água-terra-território, porque o chão da Maré existe pelas mãos de cada migrante que chegou após Orosina, cada mão que aterrou a Maré fez emergir esse chão sobre o qual pisamos hoje, mas ao aterrar a Baía da Guanabara também a absorvemos, ela se torna parte dos mais de 70% da água que compõe o corpo humano. A partir daqui o corpo-agua-terra-território conta as próprias memórias, atravessando os tempos numa tentativa de libertar as memórias.

Ainda pensando interlocuções de Orosina com a cultura africana em diáspora no Brasil, “Oro mi” seria traduzido como “minha força”, como se percebem em pontos cantados para Oxum, Orosina segue sendo nosso texto inicial, nossa força ancestral , nossa griô.

“ Oro mi má

Oro mi maió

Oro mi maió

Yabado oyeyeo
Essa canção muito antiga
Do tempo da escravidão
Os negros em sofrimento
Cantavam e alegravam o seu coração
Presos naquelas senzalas
Dançando ijexá
Aquela canção muito linda
Com os versos em yorubá
Era assim
Oro mi má
Oro mi maió⁷. “

Orosina andava com um facão e uma garruchinha na cintura, tinha também ervas e chás com poderes curativos. Apesar do nome no diminutivo, que passa uma sensação de um objeto gentil, garruchinha é uma arma calibre 22 de cano curto, muito usada por mulheres do nordeste na defesa de suas casas, de seus corpos e de suas terras. Assim andava a fundadora da Maré com uma arma de fogo, uma arma branca e conhecimentos curativos e que faziam viver quem estava à beira de fazer a passagem para a morte.

Alguns de seus utensílios estão no Museu da Maré, a garruchinha, desaparecida, deve estar caminhando entre os tempos, se recarregando de novos tiros para afetar os tempos. A presença de Orosina também se concretiza nos muros como uma fratura temporal que insiste em fazer emergir memórias dos corpos dos mareenses para que possamos atualizar o futuro, presente, passado, um tempo atemporal não matemático. espiralar. A noção de tempo espiralar de Leda Martins (2000) explica que,

(...) o tempo espiralar é uma percepção cósmica e filosófica que entrelaça, no mesmo circuito de significância, a ancestralidade e a morte. Nela o passado habita o presente e o futuro, o que faz com que os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estejam em

⁷ Composição: Bantos Iguape, Canto para Oxum.

processo de uma perene transformação e, concomitantemente, correlacionados. p. 79.

A partir de agora nos coloco em 2020, ano em que comecei a escrever este trabalho, para apresentar a Maré que se formou a partir deste “texto matriz” chamado Orosina Vieira. Apresento uma maré diversa, polifônica, bela e ao mesmo tempo assustadora.

1.1 A Maré: perfil populacional, avanços e lutas

O Conjunto de Favelas da Maré não aparece nos dados populacionais oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Os dados censitários da Maré foram construídos pelo Censo Maré iniciado em 2009 e lançado em 2019 (com 10 anos de defasagem em relação à coleta dos dados) produzido pela ONG Redes da Maré, utilizando a mesma base metodológica do IBGE a fim de facilitar futuras incidências políticas. Segundo este censo, a população mareense é de aproximadamente 140 mil moradores sendo a população adulta 51% de mulheres e 49% homens. Do ponto de vista racial, 53% se denominam pardos, 9% pretos (somados são 62% da população). 37 % brancos e 0.6% indígenas.

Em termos populacionais, a Maré é o nono maior bairro do Rio de Janeiro. Desta população, 35.808 mil habitantes (25,8%) são nordestinos, concentração mais expressiva em comparação com a porcentagem de nordestinos na população metropolitana fluminense em geral (apenas 9% são nordestinos). Importante pensar que, cada favela da Maré tem a presença marcante de povos migrantes, contudo a presença dos povos do nordeste é sempre maior, o que nos indica que ao ser percebido como lugar bom para nordestinos, a Maré continua até os dias atuais atraindo a população migrante. A predominância da cultura nordestina se revela nas culturas de rua, nas culturas alimentares, nos comércios, entre outros. É comum a presença de comércios que se intitulam casas do nordeste ou casas do norte e nelas itens tipicamente norte-nordestinos estão à disposição de clientes.



Peixes salgados - Fonte: arquivo pessoal

Na tabela abaixo, extraída do Censo Maré 2019, podemos observar a presença nordestina em todas as favelas da Maré. Contudo, a Maré é muito mais. Conhecida pela população angolana como Pequena Angola, o território tem expressiva presença deste povo e essa presença traz consigo sua cultura. Assim como a população nordestina que traz consigo a culinária, a população angolana também traz uma verdadeira experiência gastronômica.

TABELA 16 | PESSOAS RESIDENTES NA MARÉ E PESSOAS NASCIDAS NO BRASIL, EXCETO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO (E SEM RESPOSTA), SEGUNDO A REGIÃO GEOGRÁFICA DE NASCIMENTO, POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	NORDESTE		SUDESTE, EXCETO RIO DE JANEIRO E SEM RESPOSTA		NORTE		CENTRO-OESTE		SUL		SEM RESPOSTA	
	HAB	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%	HAB	%
MARÉ	139.073	35.888	25,8%	5.993	4,3%	535	0,4%	173	0,1%	195	0,1%	387	0,3%
PARQUE UNIÃO	20.567	9.085	44,2%	1.002	4,9%	124	0,6%	45	0,2%	34	0,2%	37	0,2%
VILA DOS PINHEIROS	15.600	3.511	22,5%	525	3,4%	51	0,3%	11	0,1%	30	0,2%	62	0,4%
NOVA HOLANDA	13.799	2.528	18,3%	553	4,0%	38	0,3%	10	0,1%	14	0,1%	18	0,1%
PARQUE MARÉ	13.164	3.759	28,6%	682	5,2%	59	0,4%	17	0,1%	18	0,1%	47	0,4%
VILA DO JOÃO	13.046	3.990	30,6%	513	3,9%	33	0,3%	22	0,2%	16	0,1%	71	0,5%
BAIXA DO SAPATEIRO	9.329	2.059	22,1%	383	4,1%	21	0,2%	2	0,0%	17	0,2%	33	0,4%
PARQUE ROQUETE PINTO	8.132	1.429	17,6%	213	2,6%	24	0,3%	8	0,1%	1	0,0%	9	0,1%
SALSA E MERENGUE	6.791	1.155	17,0%	215	3,2%	8	0,1%	11	0,2%	2	0,0%	15	0,2%
MORRO DO TIMBAU	6.709	933	13,9%	350	5,2%	18	0,3%	6	0,1%	7	0,1%	4	0,1%
MARCÍLIO DIAS	6.342	744	11,8%	158	2,5%	12	0,2%	6	0,1%	8	0,1%	5	0,1%
PARQUE RUBENS VAZ	6.222	2.463	39,6%	296	4,8%	36	0,6%	10	0,2%	11	0,2%	24	0,4%
CONJUNTO ESPERANÇA	5.356	1.574	29,4%	359	6,7%	53	1,0%	10	0,2%	23	0,4%	23	0,4%
CONJUNTO PINHEIROS	4.028	1.159	28,8%	317	7,9%	22	0,5%	6	0,2%	7	0,2%	21	0,5%
CONJ. BENTO RIBEIRO DANTAS	3.553	742	20,9%	289	8,1%	25	0,7%	2	0,1%	4	0,1%	8	0,2%
PRAIA DE RAMOS	3.221	634	19,7%	122	3,8%	10	0,3%	5	0,1%	1	0,0%	7	0,2%
NOVA MARÉ	3.215	122	3,8%	15	0,5%	2	0,1%	1	0,0%	-	-	4	0,1%

É possível estar dentro da Maré experienciando uma Angola hibridizada com o Brasil, como se percebe na entrevista feita com Lica, uma angolana dona do Bar da Lica, que vive na Maré há mais de 20 anos.

“A favela também tinha um pouco de Angola, como nos contou Lica. “Havia um angolano comandando um bar aqui com música angolana, da terra. Acabou sendo o lugar de encontro. Quando chegava final de semana a gente se aproximava da nossa cultura, então as pessoas que moravam em outros lugares vinham para cá e passaram a morar aqui. Quem não quer ficar perto da música da sua terra? Um vem e puxa o outro”. Fonte: DataLabe 2018.

O Bar da Lica fica na Via B3 Vila do Pinheiro, é fácil chegar e por ser conhecido por todos os mototáxis, o que não faltam são guias para chegar motorizado ao local. Apesar de muito aconchegante, o bar é pequeno e ostenta uma bandeira de Angola para sinalizar a particularidade do local que, durante o dia serve pratos típicos de Angola e à noite adiciona músicas e ritmos angolanos.



Lica - Fonte: Fotografia Eloi Leones

É curioso conviver com os diversos ritmos musicais tocando ao mesmo tempo na favela. É importante perceber que todas essas culturas em diáspora pelo mundo, que chegam à Maré, não tendem a extinguir a cultura local, mas se somar à ela.

“Aos sábados os angolanos se reúnem ali para comer o peixe assado, relaxar e se encontrar antes dos jogos de futebol que acontecem sempre aos fins de semana. O Bar da Lica tem como carro chefe os pratos peixe assado na brasa com banana da terra – o mufete e seu caldo de feijão que cura qualquer ressaca.” (DataLabe 2018)

No que tange aos dados apontados pelo Censo Maré (2019), 278 pessoas (0,2% do total) moradores da Maré foram identificados como estrangeiros e em sua maioria são angolanos. A vivência no cotidiano da favela permite supor que o número seja maior, pois há, por exemplo, uma localidade chamada de “bairro dos angolanos” que abriga 560 imigrantes de Angola, a favela é a Vila dos Pinheiros. Contudo a Maré conta com outras experiências de imigrantes, em números menos expressivos como chineses, peruanos e portugueses conforme vemos nas tabelas abaixo. A partir desse entendimento da Maré como território multicultural e amplamente hibridizado, passo a afirmar esse híbrido como cultura mareense. Sigo

ao longo desta pesquisa marcando a comunicação nos muros da Maré como parte desta cultura.

TABELA 10 | ESTRANGEIROS RESIDENTES NA MARÉ POR TERRITÓRIO

UNIDADE TERRITORIAL	TOTAL	ESTRANGEIROS	
		PESSOAS	%
MARÉ	139.073	278	0,2%
VILA DOS PINHEIROS	15.600	68	0,4%
PARQUE UNIÃO	20.567	38	0,2%
CONJUNTO ESPERANÇA	5.356	38	0,7%
SALSA E MERENGUE	6.791	33	0,5%
VILA DO JOÃO	13.046	18	0,1%
PARQUE MARÉ	13.164	17	0,1%
MORRO DO TIMBAU	6.709	15	0,2%
NOVA HOLANDA	13.799	11	0,1%
PRAIA DE RAMOS	3.221	10	0,3%
CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS	3.553	8	0,2%
PARQUE ROQUETE PINTO	8.132	7	0,1%
CONJUNTO PINHEIROS	4.028	7	0,2%
BAIXA DO SAPATEIRO	9.329	3	0,0%
PARQUE RUBENS VAZ	6.222	3	0,1%
MARCÍLIO DIAS	6.342	2	0,0%
NOVA MARÉ	3.215	-	-

TABELA 11 | ESTRANGEIROS RESIDENTES NA MARÉ SEGUNDO O SEXO, POR PAÍS DE NASCIMENTO

PAÍS	TOTAL		MULHERES	HOMENS	SEM RES-POSTA
	HAB	%	HAB	HAB	HAB
TOTAL GERAL	278	100%	71	204	3
ANGOLA	195	70,1%	43	151	1
PORTUGAL	24	8,6%	10	14	-
PERU	15	5,4%	7	8	-
CHINA	15	5,4%	6	9	-
ARGENTINA	4	1,4%	-	4	-
MOÇAMBIQUE	4	1,4%	1	3	-
ESPAÑA	4	1,4%	-	4	-
CONGO-BRAZZAVILLE	3	1,1%	-	2	1
ITÁLIA	3	1,1%	2	1	-
BOLÍVIA	2	0,7%	1	1	-
CABO VERDE	1	0,4%	-	-	1
GANÁ	1	0,4%	-	1	-
ARÁBIA SAUDITA	1	0,4%	-	1	-
COLÔMBIA	1	0,4%	-	1	-
JAMAICA	1	0,4%	-	1	-
QUÊNIA	1	0,4%	1	-	-
S/ RESPOSTA	3	1,1%	-	3	-

Fonte: Censo Maré 2019 - ONG Redes da Maré

A maior parte do território tem saneamento básico, existem ainda 11 clínicas da família, 46 escolas, 01 Centro de Referência da Mulher, 02 postos Detran, 01 Centro de Cidadania LGBTQ+, 01 posto do SAMU - Serviço de Atendimento Médico de Urgência e 01 Fundação Leão XIII que serve para isenções de documentos. De modo geral, a maior presença do Estado é com a mão armada, deixando rastros de morte e dor, por isso é necessário que para manter um cotidiano mínimo de direitos humanos, a favela esteja sempre organizada politicamente e inserida em frentes de luta. O maior desafio é organizar uma população de mais de 140 mil pessoas, com interesses e desejos de construção de política pública que guardam consigo tantas especificidades ao passo em que vivemos um Estado que desmonta a política pública cotidianamente e que tem como alvo de sua política de morte, os corpos de pessoas faveladas. Em 2019, as/os mareenses ouviram 300 horas de tiroteio

oriundas de 39 operações policiais.⁸ Essas operações sempre são responsáveis pelo fechamento de escolas, postos de saúde, comércio local e principalmente, impedem o tão sagrado direito de ir e vir evocado pelas classes dominantes deste país como fundamental.

O Complexo da Maré é um agente político, o território sempre tem lideranças em espaços políticos da sociedade civil visando favorecer as lutas por direitos sociais, civis, ambientais, entre outros, para sua população. Que gera ações de grande reconhecimento como a chegada da energia elétrica, do saneamento básico nos anos 1980⁹, à apresentação da ADPF (Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental) das Favelas, em 2017, que cobra judicialmente o cumprimento dos parâmetros de direitos humanos em operações policiais.

Um levantamento feito durante esta pesquisa identificou 27 ongs voltadas ao desenvolvimento comunitário outros 25 coletivos voltados à garantia de algum direito para a população da Maré.¹⁰

Em função da organização e incidência política que a população faz, foi possível desenvolver intervenções frente à pandemia da Covid19 que conseguiram refrear o número de vítimas fatais do coronavírus no Complexo da Maré, colocando a Maré no ranking das favelas com menor índice de morte covid19 no Rio de Janeiro, mesmo assim, o número de mortos foi importante e somou pouco mais de trezentas pessoas¹¹. Todo movimento de incidência política na Maré conta com forte presença e liderança das mulheres. Repressão e Resistência é o binômio que vive a Maré cotidianamente. O Estado reprime, a favela se organiza para resistir. Tem sido historicamente difícil, com muitas perdas mas com alguns avanços na conquista da política pública para a favela.

Mapeamento de Ongs e Coletivos Sociais na Maré

nome da instituição (ONG)	area de atuação	rede social	favela da maré onde se localiza
------------------------------	-----------------	-------------	---------------------------------------

⁸ Dados do Boletim de Segurança Pública 2019 - ONG Redes da Maré

⁹ História registrada nas intervenções da Chapa Rosa .

¹⁰ Pesquisa via redes sociais

¹¹ Dados Boletim De Olho no Corona - produzido pela ONG Redes da Maré

1. CEASM	fomento ao ingresso na universidade	@ceasmoficial	Morro do Timbau
2. Museu da Maré	museologia social	@museudamare	Morro do Timbau
3. Redes da Maré	enfrentamento à violação de direitos humanos	@redesdamare	Nova Holanda
4. Galpão Bela Maré	produção de arte favelada	@galpaobelamare	Nova Holanda
5. Instituto Vida Real	empregabilidade e formação para o trabalho	@institutovidareal	Nova Holanda
6. Luta Pela Paz	esportes	@lutapelapaz	Nova Holanda
7. Espaço Casulo	enfrentamento à violência de gênero	@espacocasulo	Morro do Timbau
8. Casa Resistências	enfrentamento à violência lesbofóbica	@resistencialesbica_	Vila dos Pinheiros
9. Grupo Conexão g	enfrentamento à violência LGBTIfóbica	@conexaog	Nova Holanda
10. Instituto Trans da Maré	enfrentamento à violência transfóbica	@institutotransmare	Baixa do Sapateiro
11. Maré sem Preconceito	enfrentamento à violência LGBTIfóbica	@maresempreconceito	Vila do João
12. Nasci na Maré	apoio às infâncias	@nascinamare	Vila do João
13. Crias do Tijolinho	apoio às infâncias	@criasdotijolinho	Nova Holanda
14. Felipe Brasileiro	empregabilidade e formação para o trabalho	@ongfelipebrasileiro_	Salsa e Merengue
15. Observatório de Favelas	pesquisa e produção de	@defavelas	Nova Holanda

	dados		
16. Data Labe	pesquisa e produção de dados	@datalabe	Nova Holanda
17. Instituto Maria e João Aleixo	pesquisa e produção de dados	@imja	Nova Holanda
18. Nova Direção	empregabilidade e formação para o trabalho	@novadirecao	Vila do João
19. Casa das Mulheres da Maré	enfrentamento à violência de gênero	@redesdamare	Parque União
20. Casa Preta	enfrentamento ao racismo	@casapreta	Nova Holanda
21. Espaço Normal	redução de danos	@redesdamare	Nova Holanda
22. Coletiva Resistência Lésbica da Maré	direitos humanos para mulheres LBT	resistencialesbica_	Vila dos Pinheiros
23. Cozinha Comunitária	segurança alimentar	@cozinhadafrente	Salsa e Merengue
24. Maré Vive	comunicação comunitária	@marevive	Salsa e Merengue
25. Jornal O Cidadão	comunicação comunitária	@jornalcidadao	Morro do Timbau
26. Casa Pequena Nuvem	comunidade terapêutica evangélica	@casapequenanuvem	Salsa e Merengue
27. Casa das Mães da Maré	enfrentamento a violência de Estado	@casadasmaesdamare	Nova Holanda

Enquanto território-corpo a Maré existe desde 1940¹³ como já afirmamos, mas enquanto bairro reconhecido pelo Estado existe desde 1994. Erguidas sobre as águas, as palafitas deram lugar a um grande conglomerado de casas de alvenaria. Atualmente dividido em 16 favelas sendo seis delas construídas pelo Estado. Em termos de extensão a Maré está entre o bairro do Caju e a Ilha do Governador e é marcada pela diversidade de corpos, raças e origens, considerando-se que o território se forma a partir de migrantes de diversas regiões do país, percebemos esse traço de diversidade na cultura, nas formas de comunicação e nos corpos. Como se espera, conviver com as diferenças significa também fazer emergir conflitos, esses conflitos também são importantes para construir a sociabilidade na Maré.

Pensar o Complexo da Maré como um espaço composto de migrantes e imigrantes significa olhar para angústias que acometem os andarilhos, as pessoas em busca de ar, água, terra, vida, possibilidades de alegria e de sobrevivência diante da sociedade capitalista que nomeia e trata cada corpo vivente como monetarizado, algo com valor de mercado específico. Me fez lembrar Denetem Bonan (2021), ao afirmar que a memória de um corpo não é estática, é motora, dinâmica e se atualiza nos gestos. p.16. É possível perceber o traço de cada povo que, representado por esse migrante ou imigrante, chegou à Maré e a fez emergir. É desse traço que emerge a diversidade cultural deste complexo de favelas. Aqui nasceu uma *cosmopoética de refúgio*¹⁴ que não só pariu o lugar, o bairro posteriormente, como o mantém em movimento.

O Complexo da Maré dos anos 2022 têm geofísica e geopolítica nada fáceis de explicar então marquei aqui alguns pontos importantes para a compreensão dos processos de rememoração da favela. O primeiro ponto já foi insistentemente marcado acima que é o traço migrante e imigrante; o segundo ponto é a disputa narrativa do termo de autonegação do território. Para uns Maré, para outros

¹² Canção dos Alagados - Paralamas do Sucesso.

¹³ Alguns segmentos da favela reivindicam os anos 1935 com a chegada de Dona Orosina Vieira. No entanto não há consenso no campo das pesquisas que Orosina tenha chegado em 1935.

¹⁴ Termo de Denetem Bonan, 2021

Complexo da Maré e ainda para outros Conjunto de Favelas da Maré. Cada autonegação tem uma marcação política diferente. De um lado, ONGs como a Redes da Maré, o Observatório de Favelas e outras ongs menores reivindicam o termo “conjunto” como forma de esquivar do estigma histórico imposto ao termo “complexo”. Essas organizações produzem conhecimento sobre a favela e são muito próximas aos debates acadêmicos, mas não as entendo como organizações com base comunitária no sentido de valorizar saberes das e dos mareenses, elas buscam sempre o “outsider” e trazem para o território na intenção de gerar processos e debates para acesso a direitos. De outro lado organizações sociais envolvidas em processos de resgate de memória como o Museu da Maré e outros grupos menores que dinamizam a favela reivindicam o termo “complexo”, o argumento é que este é um termo histórico e embebido de afeto por parte dos moradores, inclusive afeto que pode ser positivo ou negativo, mas é afeto. Algumas dessas lideranças desenvolveram a frase “amarécomplexo” para jogar com essa relação de afeto. O grupo que reivindica o termo “conjunto” “respondeu” criando a frase “amarésimples” e a disputa segue.

O termo “Maré” suprimindo conjunto ou complexo é bastante utilizado no cotidiano pelas moradoras e moradores, gosto deste termo porque pressupõe “a Maré” reivindicando pra si o feminino tão importante na construção da favela. Contudo, para este trabalho adotarei o termo Complexo da Maré porque ele diz sobre a identificação histórica que as moradoras e moradores fazem sobre o território e é carregado de memória política. Essa escolha é um modo de afirmação e insistência no termo que ao longo do tempo foi sendo estigmatizado pelo Estado e pela mídia de massa, à exemplo do que fizeram as mulheres trans e as lésbicas com termos pejorativos como travesti e sapatão, invocando-os como marcos de divergência política e como novas formas de luta.

Invocar a Maré como “complexo” e não como “conjunto” não significa descartar o debate em torno do termo acadêmico “conjunto”, significa afirmar a potência do termo “complexo” como divergência social, política e como marco para a luta por direitos. Mas também diz sobre a ideia semântica de habitar um território onde o afeto de todos os modos é intenso e se expressa no termo:

“amar-é-complexo”¹⁵. Por fim, o terceiro ponto importante no entendimento da Maré é o termo divisa. Muito mais do que apenas algo que divide a favela, a divisa é um marco afetivo. Na imagem, percebe-se que ela não divide a favela ao meio, ela divide experiências com grupos armados e tudo que se gesta a partir das relações.

¹⁵ Campanha realizada em 2019 por algumas lideranças da Maré para demarcar a capacidade artística e de reinvenção da favela.

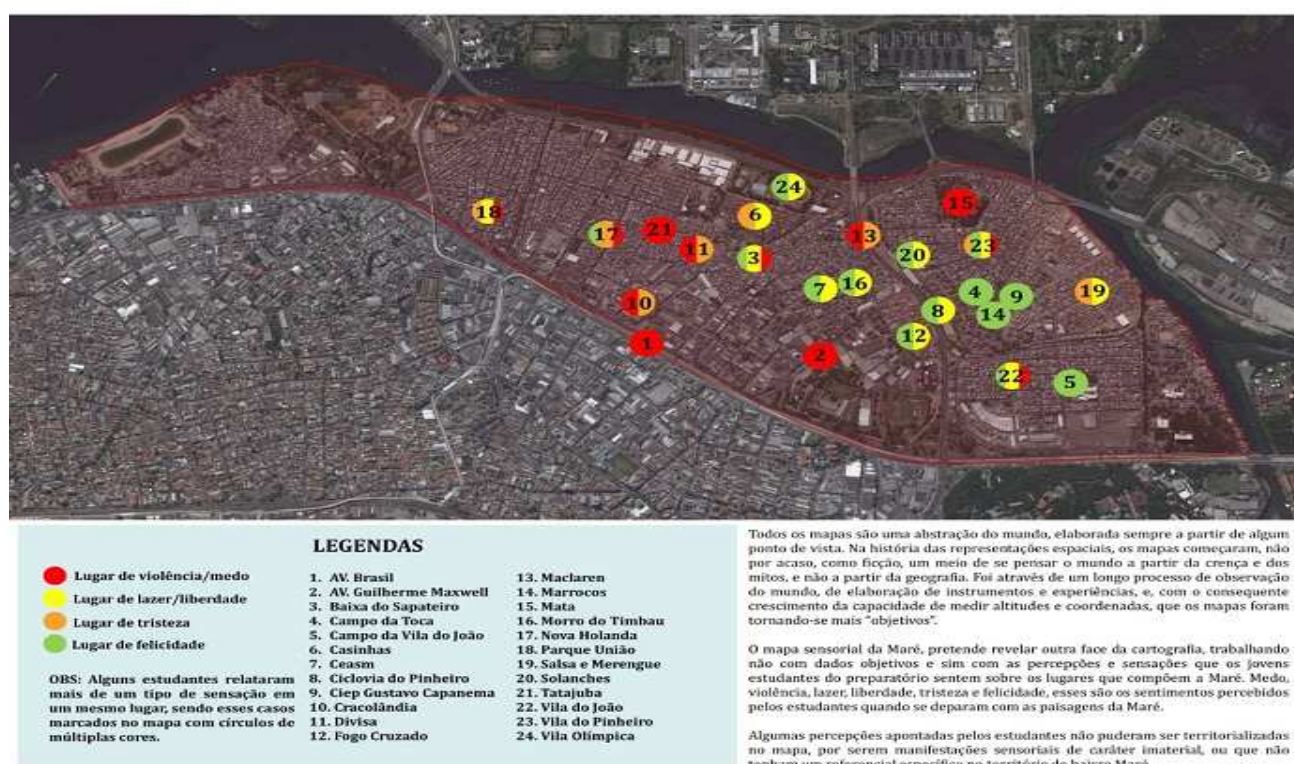
Mapa da Maré - Fonte: Instituto Pereira Passos



A afirmativa pode parecer exagerada, mas todo “cria” da Maré fica temeroso diante da possibilidade de precisar passar pela divisa. Nunca é tranquilo nas conversas que ouvi. É um marcador na comunicação mareense. Em termos objetivos, a divisa é uma rua chamada Ivanildo Alves, que desde os anos 1970 é o limite territorial de dois grupos armados. De um lado o Comando Vermelho e de

outro o Terceiro Comando Puro. Afora essa divisão, os levantamentos dos Boletins de Segurança Pública produzidos pela ONG Redes da Maré apontam que a maior parte dos confrontos armados que acontecem são nesta rua, em função desta dinâmica de disputa e guarda territorial dos grupos armados. Mas não é sobre isto que quero repousar o debate e sim sobre as reverberações de um território com divisa, fronteira. Em 2017, o Centro de Estudos e Ações Solidárias - CEASM, em parceria com os estudantes de seu preparatório para o ensino médio, fizeram um mapa sensorial da Maré. Nele as/os alunas/os marcaram a divisa como um lugar de tristeza ou medo. Entender a divisa como um afetamento na reprodução cultural da Maré é muito importante para entender tanto o modo de se organizar quanto a reprodução cultural em ambos os lados da divisa é importante.

Mapa Sensorial da Maré - produzido pelos estudantes do pré vestibular CEASM 2017



Pensando a Maré enquanto um território corpo, a ideia de uma fronteira interna é um verdadeiro caos, mas também carrega poética própria. As moradoras e moradores mantêm um movimento insistente de alteração da memória de guerra, dor e morte

daquele triângulo onde fica a divisa, infelizmente a divisa ainda é presente nas relações e é comum que esse pedaço da favela não seja cruzado nem para atividades essenciais como estudar, ir à Clínica da Família, ou visitar parentes. É impossível não recordar das afirmativas de Denetém Bona (2021),

“ para que atravessar as fronteiras, se elas já nos atravessam, nos perseguem, estão gravadas em nossa pele. Como as tornozeleiras eletrônicas, como os chips inseridos sob a pele das crianças tão amadas, (...) de que serve atravessar as fronteiras, se permaneceremos sempre na soleira, já que esses muros, essas cercas, essas barreiras blindadas que você propõe que eu atravesse são somente sua forma mais grosseira. (...) de que adianta atravessar as fronteiras se elas passam por dentro de nós e separam com o bisturi o autóctone do estrangeiro, o homem da mulher, o branco do preto, o leigo do muçulmano, o hétero do homo, o sadio do patológico, e nos entregam assim às metastases da esquizofrenia. p. 64.

O marcador afetivo da divisa se entranha nas relações e estabelece cortes na memória das pessoas que habitam a Maré, assim para conseguir fazer emergir outro modo de sociabilidade é preciso um movimento anterior de libertação dos corpos, libertação da memória ancestral que repousa adormecida dentro de cada mareense. Esse movimento é bastante complexo porque é sempre precedido de apego à lógica militarizada da vida, claramente não é uma resistência intencional, mas de quem precisa de jogo de corpo para sobreviver num espaço tão marcado pela colcha de retalhos a que me referi no início deste texto. Ainda dialogando com Denetém Bona (2021),

“A verdadeira questão hoje não é como cruzar a fronteira, mas como habitá-la, como transformá-la novamente numa linha geológica de falha de onde possa jorrar o magma da humanidade por vir (...) antes de ser linha de enfrentamento a fronteira é zona de contato e distingue para conectar. p. 70.”

O primeiro muro utilizado neste trabalho fica localizado na divisa e recebe o nome de casa da divisa. Gosto desta imagem porque ela revela o constante esforço da população em “se tocar” na divisa. Muitas pessoas não atravessam, mas chegam até ela. Por isso neste espaço, no ano de 2022 foi inaugurada uma praça chamada praça da Paz e um memorial aos mortos vitimados pela violência armada. Ao não conseguirem atravessar, as pessoas passaram a se encontrar na divisa. Este movimento parece singelo, mas pensando a história da favela até muito pouco tempo atrás era impensável um grupo de pessoas parar na divisa para qualquer coisa que fosse.

Na sequência a foto da casa, do fotógrafo Bira Carvalho. Salve Bira! Mostra a casa em si, suas imagens constantemente em mudança e os furos, marcas de tiro que a cada ação de reparo tocada pelos moradores, recebe nova camada de cobertura de massa e tinta branca. Uma pausa breve pra falar de Bira é importante, este fotógrafo negro, cadeirante, flamenguista, ranzinza, sorridente nos deixou um legado importante sobre como olhamos para a favela. Sua frase cotidiana era “ a maior resistência da favela é a alegria”. Infelizmente Bira nos deixou ainda durante a construção deste trabalho. O fotógrafo Francisco Valdean (2022) ao analisar as fotos do cotidiano mareense, feitas pelo fotógrafo Bira Carvalho:

“As fotografias de Bira nos invadem com potência criativa que pulsa e se faz presente em cada rua, esquina, beco ou viela de nossas favelas. São afetos que ganham corporeidade nas relações, nos gestos , nos sorrisos (...) os afetos nos tocam , criam enlaces, enfim, nos tornam próximos e nos transformam porque somos e compartilhamos um território comum de pertencas. p.169”

Francisco Valdean é um cearense, acolhido pela Maré com tanto afeto que se reivindica mareense, é fotógrafo documentarista e pesquisador, doutorando em artes visuais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Criador do Museu Itinerante da Maré, faz parte de um movimento de encantamento por imagens do cotidiano mareense, seu museu itinerante é uma caixa que por onde passa ativa

sensações e curiosidades em todas as idades. Na fala do próprio autor, “O MIIM é um museu diferente, não tem endereço, é um museu ambulante. Para ser mais específico, funciona em uma caixinha de papelão do tamanho de uma caixa de sapatos. Há duas reações em relação ao museu. Uma é: ‘Gente, mas isso é um museu?!’, e a outra é, ‘Nossa, isso é um museu!’ Há quem duvide que o MIIM seja um museu e há quem fique super impressionado de que, sim, é um museu!



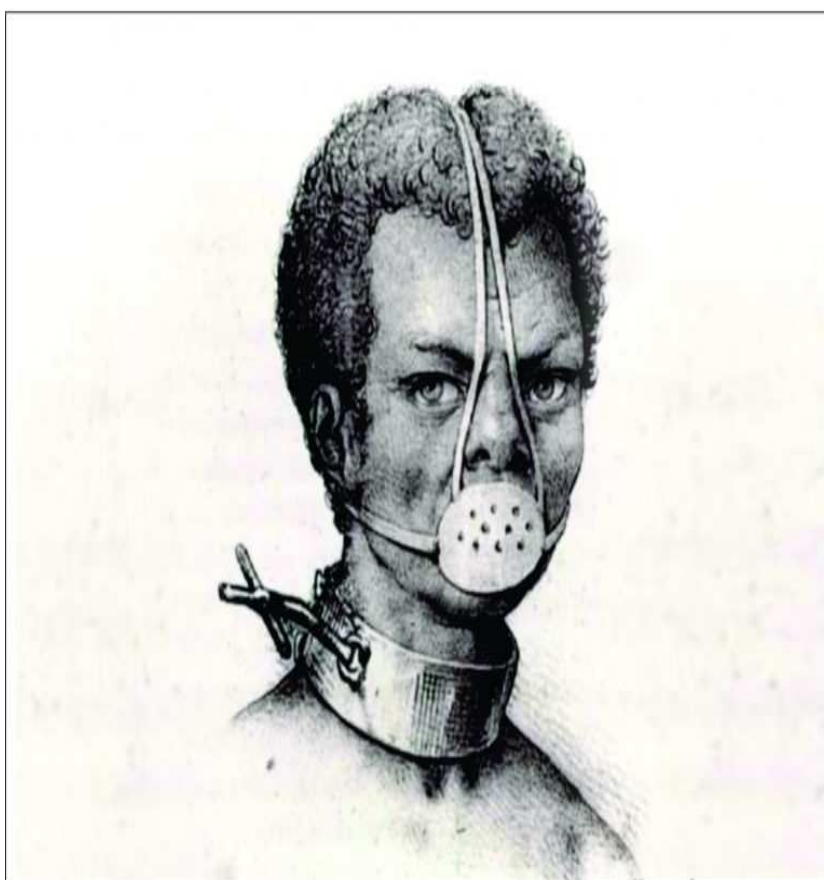
Valdean criador do MIIM - Museu de Imagem Itinerante da Maré
Valdean faz parte de um movimento de reafirmação da Maré enquanto território-corpo, embebido de pertencas, de lutas e de belezas dissidentes. Este movimento alimenta toda a produção de memória na Maré.

2.0 Encruzilhadas da memória.

No item anterior coloquei o entendimento da Maré como um quilombo urbano em função de sua composição racial. A partir desse entendimento, passo então a

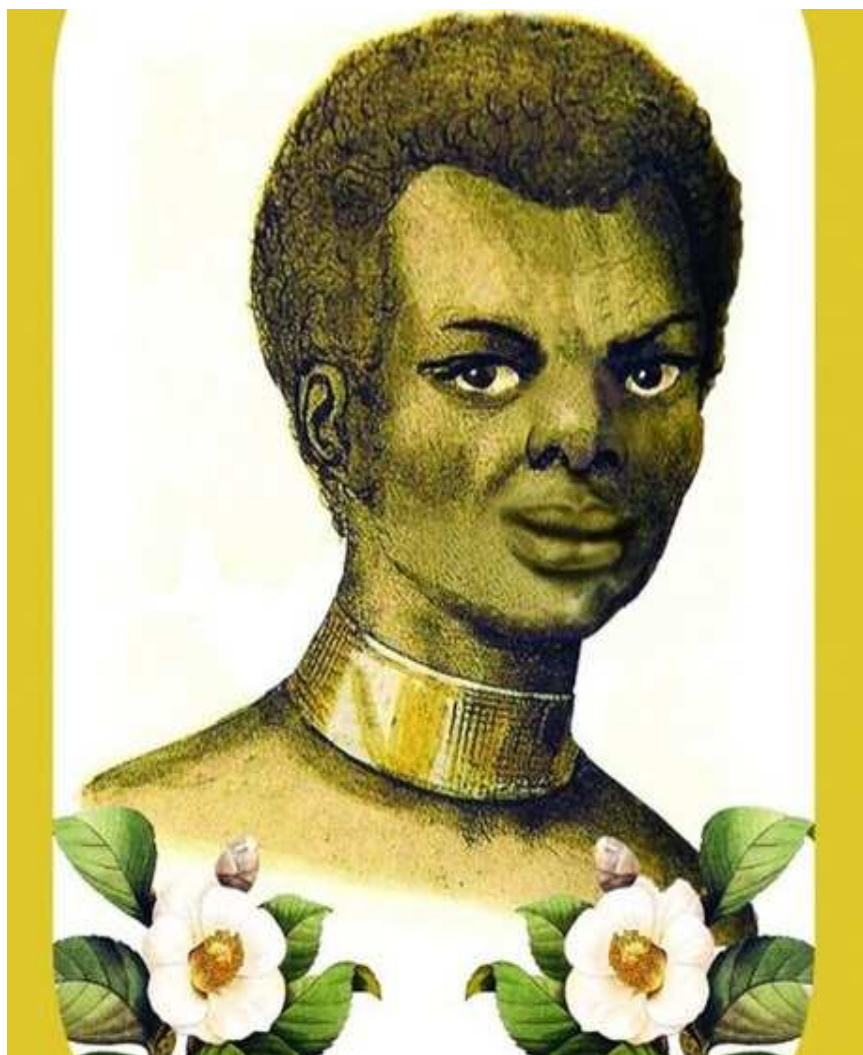
afirmar que o movimento de reprodução das memórias na Maré segue o mesmo gingado, o mesmo balé, da reprodução da memória dos povos africanos que viveram escravizados neste país.

Um país que se constrói por via da crueldade e da violência, que tenta aprisionar a memória por temer a coragem que ela opera nas pessoas. Digo isso para recuperar especificamente uma violência história deste país: o corte de língua de griôs escravizadas recém chegadas. A maior parte de nós já viu a figura de Anastácia, liderança negra que teve a boca tampada pelos escravizadores porque ela insistia em mobilizar seu povo para a luta.



Anastácia escravizada , 1817- Fonte: imagem de internet

Pois bem, tampar a boca de Anastácia não impediu que ela entrasse para os marcos da história. Recentemente inclusive foi repintada pelo artista Yhuri Cruz que colocou sua boca livre para que ecoe em nossas experiências.



Anastácia Livre”, do artista Yhuri Cruz¹⁶

Ainda perseguindo esse pensamento, retomo as griôs que tinham suas línguas cortadas ao chegarem no Brasil. A acusação de que elas insistiam em recontar memórias de seus povos, mobilizando as centelhas de esperança de seus conterrâneos levava ao castigo máximo que era o impedimento de oralidade. O que os escravizadores ocidentais não compreendiam é que a memória no entendimento de povos africanos, não habita somente na fala. Ela habita o gesto, o corpo, o movimento. Nem mesmo a morte é capaz de evitar a reprodução da memória porque no entendimento de tempo-espço africano as experiências de mortos e

¹⁶ Fotos de internet

vivos não estão cindidas existem linhas contínuas e cheias de curvas mantendo-os conectados, ou como afirma Leda Martins(2021),

O tempo africano é um tempo impregnado de Força Vital. É um tempo sagrado (zamani) que desenvolve o tempo vivido (sasa). O passado é privilegiado, pois esse é o tempo dos antepassados. O passado, no entanto, não é fossilizado. Ele é potencialmente transformador, tal como a tradição-acúmulo de tempo transcorrido. O tempo africano, tal como o universo africano, está preenchido de ancestralidade. Assim como o invisível não se separa do visível (...) assim também o tempo dos mortos não se encontra separado do tempo dos vivos. p.63

Essa força vital é a essência da memória dos grupos sociais africanos, ela não costuma se represar em espaços como museus, ela está nos corpos, o corpo bem como o tempo espiral são dispositivos da memória, o mesmo não se aplica quando pensamos tempo cronológico, por assim dizer ocidental,

“nessa via de raciocínio a escrita como lugar de memória é um dos instrumentos de expressão mais enaltecidos e habita lugares de memória privilegiados no Ocidente, pois conforme também Merleau-Ponty, “o que designamos ideias trazidas à existência, trazidas ao mundo por seus instrumentos de expressão são os livros, os museus, as partituras, os escritos. São essas as plataformas e os dispositivos privilegiados pelo Ocidente para os resguardos de memória. Ainda que o ligue explicitamente ao que denomina “evento palavra”. p.29

Já o modelo de rememoração africano aposta no evento corpo, muito mais do que no evento palavra. E o motor dessa memória é o que se chama força vital, a força vital não é o que mantém o corpo vivo, mas mantém viva a memória daquelas experiências deste corpo-território, como explica Laura Padilha APUD Leda Martins (2021),

“a força vital constitui a essência de uma visão que os teóricos das culturas africanas chamam de visão negro-africana do mundo. Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos

e sociais interajam formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa (...) Intermediando o vivo e o morto, bem como as forças naturais e o sagrado, estão os ancestrais, ou seja, os antepassados.” p.61

Feito esse assentamento narrativo, construo então a análise da reprodução da memória da Maré nos mesmos moldes enquanto corpo que fala e ainda que seja reprimido ou mesmo assassinado seguirá falando, gritando alto nos marcos da memória mareense. Construir análise da reprodução da memória na Maré a partir do entendimento de território enquanto corpo implica compreender também que os processos de construção de memória não passarão apenas pelo erguimento de monumentos ou de museus, antes cada corpo é em si só uma biblioteca e deixará vazar suas memórias no contato com outros corpos biblioteca ou chamados aqui de corpos griôs e assim o que se chama de memória mareense acaba por ser o resultado da junção dessas memórias.

Os corpos que habitam o Complexo da Maré são destituídos ao longo da história, de seu direito à memória e isso daria infinitas linhas de escrita aqui, mas quero marcar o movimento mais recente, dos últimos dez anos, de recuperação das memórias da Maré e de sua reprodução no tempo e espaço da favela. Assim como nas cenas iniciais deste país, a violência de Estado imputada aos corpos que habitam e constroem a Maré forçam passagem, emergem destes corpos água-terra-território e se lançam aos agoras e inevitavelmente também aparecem nos muitos lugares de memória destes espaços físicos. Escolho aqui três pontos que chamo de portais da memória, lugares onde a morte, o corte da língua e de outros membros não foram capazes de represar este orixá, o tempo espiral contorna e reaparece em pontos onde encontra possibilidades de insurgências. Um espaço onde as espirais do tempo se aproximam e se distanciam brincando com os humanos e suas certezas ocidentais de um tempo cronológico, racionalizado, duro, que segue sempre em frente e não permite retornos, onde os mortos ficam pra trás.

A escolha por estes três locais não foi aleatória, os três são pontos de relevância para as moradoras e moradores. O primeiro, localizado na divisa, é consenso entre os mareenses como um lugar onde vivos e mortos se encontram todos os dias, isso porque aquele local é palco de intensos tiroteios desde os anos

1980 quando se instalaram mais fortemente as duas facções principais do território e passaram a disputar espaço. O segundo, localizado na escola CIEP Gustavo Capanema, é local de marcada relevância pra população porque comporta a escola, uma ONG grande do território que oferece serviços ao público da Maré e à noite o local é ponto de grande circulação das pessoas que passam para as festas e bailes da favela. Esta rua é muito movimentada e recebe o baile de sexta feira, o terceiro portal é o muro do Museu da Maré que está num local de fácil acesso, a rua liga a av Brasil à linha amarela e comumente é usada por motoristas para evitar o trânsito das rodovias. Por ser logo no acesso, o muro do museu da Maré acaba sendo mais visto pelo público externo, mas o museu é reconhecido pelas moradoras e moradores como um local de resistência da favela. Os muros descartados traziam mensagens importantes, mas não estavam em encruzilhadas, a maior parte estava em becos e vielas tão estreitas que mal davam ângulo para fotografar as imagens neles pintadas, mas também são importantes no repasse de mensagens pra quem está nas partes mais escondidas da favela.

2.1 A casa da divisa



Casa da Divisa - foto de Bira Carvalho arquivo pessoal

“Os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (Benjamin, 1985, p.224). Início assim a reflexão sobre a casa da divisa porque este é o espaço físico da Maré onde há acúmulo de vidas perdidas, portanto há também uma verdadeira aldeia de mortos que insistem em comporem as memórias do presente, os atos do presente. Não um presente cronológico, mas de sensações e saberes acumulados, um presente Sankofa, completamente embebido de passado e futuro. Nas palavras de Marilene Nunes, “essa memória merece ser preservada, olhada e lembrada para nunca esquecermos, é uma maneira de manter viva a memória de cada uma delas. Sempre que atravesso aquela rua sinto algo diferente, é como se sentisse uma dor.” A divisa fica entre as favelas da Baixa do Sapateiro e Nova Holanda, caminho que Marilene Nunes faz todos os dias para ir de sua casa ao Museu da Maré. No prédio onde fica a casa da divisa, que chamo aqui de muro, moram oito famílias. Na parede da casa as

imagens são distintas. No alto vemos uma imagem de alegria que representa a última copa do mundo de futebol na qual o Brasil foi penta, ao lado uma mulher com criança no colo dentro de um barco numa alusão às crianças vitimadas por afogamento na época das palafitas na Maré, abaixo um entardecer amarelado com crianças negras jogando bola, abaixo mais próximo à altura das mãos a aproximadamente um metro e meio do chão fica uma imagem com dois indígenas curumins segurando um quadro verde. Geralmente nesse quadro as pessoas deixam mensagens pedindo paz. Noutros casos, alguns desejos como o menino de 08 anos que, em outubro de 2022, deixou “ ter strogonoff na escola pra comer com meus amigos” e foi atendido por uma deputada negra, cria da Maré, semente de Marielle Franco (Salve!).

O prédio da casa da divisa pertence à mesma família desde os anos 1980 e está sempre posto à venda contudo ninguém ousa se interessar pelo imóvel, suspeito que tenha relação com a aparência de queijo suíço, frequente na casa por conta das inúmeras marcas de tiro que ela acumula ou ainda se relacione com o afeto que muitas pessoas da favela têm sobre aquele lugar. A divisa compõe o pesadelo de muitos moradores, acumula muitas histórias e alimenta contos e lendas de mortos vistos no lugar, fato que em 2019 levou a um ato ecumênico no local.

A divisa parece ser uma fissura entre mundos, qualquer ação que se faça naquele local é imediatamente capturada para a memória de dor que ele registra. é um espaço que reivindica constantemente uma reflexão sobre a capacidade da memória coletiva ser alterada em qualquer tempo, provoca incessantemente a pergunta sobre o que fazer naquele lugar para alterar a sensação de arrepio, medo que ele evoca nos corpos mareenses.

“Halbwachs formulou o conceito de memória coletiva. O autor não nega a existência de uma memória individual, mas entende que seu centro formador é a memória do grupo. Todas as nossas lembranças, mesmo aquelas que acreditamos mais individuais, como pensamentos e sentimentos, relacionam-se com todo um conjunto de noções que muitos outros partilham conosco: lugares, datas, formas de linguagem, raciocínios e ideias, ou seja, aquilo que o autor considerava a vida material e moral dos grupos sociais de que fazemos, fizemos ou faremos parte”. Ferreira, 2016 p.138

Recentemente, em dezembro de 2022, uma organização não governamental, a Redes da Maré, inaugurou um mural em homenagem às vítimas da violência armada e implementou também uma pracinha pra criançada brincar, como aparece na imagem no item anterior, o trabalho foi fruto de um ano inteiro de oficinas, rodas de conversa e roda de produção de azulejos com as famílias dos mortos. O local recebeu pavimentação e uma placa ficou por um ano no muro sinalizando que ali seria instalado o memorial às vítimas de violência armada,



© Patrick Marinho

Praça da paz - Fonte: Patrick Marinho

Ao lado da placa foram instalados os azulejos com os nomes dos mortos, frases que essas pessoas gostava, imagens de afeto do entes queridos e todo tipo de desenho que para as famílias representasse a pessoa perdida para a violência.



Placa do memorial - Fonte: Arquivo pessoal

Tudo foi pensado pelas artistas delicadamente para não colocar em cena a morbidez do lugar, segundo Laura Taves¹⁷. Ainda segundo ela, as cores foram cuidadosamente escolhidas em tons de azul e branco justamente para imageticamente passar outra sensação que não a de morbidez. Contudo, já no dia da inauguração, os familiares levaram flores e velas. O lugar passou a ser chamado pelas famílias de cruzeiro das almas¹⁸, como aparece na fala de Dona Hosana, uma das mães de vítima de violência armada. *“Finalmente temos um lugar dentro da favela pra chamar de cruzeiro das almas, pra acender velas pros nossos orixás”*.

¹⁷ co-fundou a Azulejaria em 2003, então associada à ONG Enda Brasil – parte da organização internacional Enda Tiers-Monde surgida no Senegal em 1972 – a qual coordenou durante 4 anos. Artista, arquiteta e urbanista, vive e trabalha na cidade do Rio de Janeiro, onde desenvolve projetos nos quais, através da arte e da educação procuram discutir e atuar na cidade em processos de construção coletiva. Trabalha desde 2015 como gerente de Relações Comunitárias do Museu do Amanhã, atuando diretamente com os moradores da região portuária do Rio.

¹⁸ um local de oração para pessoas desencarnadas. É conhecido também como cemitério das imagens. Fonte: Santuario da Umbanda <https://santuariodeumbanda.com.br/site/loais-para-ofereandas/cruzeiro-das-almas/>



Memorial - Fotografia Douglas Lopes

O memorial erguido parece mostrar que homenagear os mortos trazendo consigo uma pracinha para a criança brincar não é suficiente e nos lança a uma inquietação, que se reflete na argumentação de Benjamin (1985), “nunca houve um monumento de cultura que não fosse um monumento à barbárie, (...) considera sua tarefa escovar a história a contrapelo.p.225”.

Cada marca de tiro coberta por massa na casa da divisa parece insistir em se colocar na história, embora visualmente o aspecto da casa seja liso, um fundo branco quase perfeito. Toda essa cena da divisa remonta ao que chamo de primeiro portal da memória deste trabalho. Um portal forte, carregado de tantas memórias que exala coletividade, um local onde o tempo cronológico parece ser suspenso e marcado pela experiência de uma fronteira que como argumenta Denetém Bona (2021), divide os povos, os corpos e os afetos, mas também é elo, ponto de toque

entre ambos os lados. p.xx. Embora divida, a divisa também mostra que há algo de similar na vivência dos mareenses que não pode ser esquecido. A experiência de dor daquele lugar também remonta uma coletividade em torno desse sentimento, gera confiança entre pares para se lançarem em luta. Este movimento é exatamente o que Pollak (2010) identifica ao escutar vítimas e sobreviventes do holocausto.

“Um passado que permanece mudo é talvez menos o produto do esquecimento do que de uma gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação em algum momento da vida. Essa gestão da memória não rege somente o que é dito em diferentes contextos e em diferentes momentos da vida. A escolha das amizades e do grau de intimidade acordado a esta ou àquela pessoa também fazem parte disso. Nós tentamos agir sobre contextos nos quais nós nos exprimimos, assim como nós modificamos o que nós dizemos em função da variação desses contextos. p. 44”

O autor percebe que se monta um sentimento de pertença, de família entre essas vítimas. No caso da Maré, penso que se remonte um território de pertenças. Essa experiência de dor se expande para a reprodução de outras experiências de alegria pouco a pouco vai absorvendo culturas das pessoas que chegam formando uma grande multiculturalidade que aqui chamo de cultura mareense. Ainda dialogando com Denetém Bona (2021) sobre a experiência da divisa, penso que esta fronteira tem pontos de fuga, o que Chimamanda Ngozi (2019) também fomenta como o que emerge da história única sobre um lugar. A história "hegemônica" na Maré sobre a divisa é de dor e medo, mas quais memórias podem ser evocadas ali para escapar da narrativa hegemônica, abrindo caminhos para outras sensações?

A experiência de dor da divisa faz com que a favela se una politicamente para brigar por melhorias na vida dos favelados dali. Exemplo disso é a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 635, popularmente conhecida como ADPF das Favelas¹⁹ que embora tenha sido impetrada por um conjunto de favelas cariocas, foi pensado e encabeçado pela Maré. A ação estabelece regras mínimas

¹⁹ <https://www.adpfdasfavelas.org/>

durante operações policiais e impede que as incursões aconteçam na madrugada, que historicamente na Maré é quando há mais mortes porque em geral as pessoas estão saindo para trabalhar. Outra ação importante a partir da experiência da divisa é o esforço de reprodução de arte e cultura na Lona Cultural da Maré, que fica no mesmo trevo da divisa e que durante anos ficou abandonada porque a prefeitura do Rio de Janeiro categorizou o lugar como risco máximo de periculosidade. Para se ter ideia do impacto da reativação da lona cultural, em dezembro de 2022 aconteceu um show gratuito da Alcione que teve duzentos ingressos esgotados em menos de dois minutos da abertura pelo site Sympla. No dia do evento muitas pessoas circularam livremente pela divisa e por instantes aquele não pareceu um lugar impossível de sociabilidade.

2.2 O muro do brizolão

O segundo muro fica na via A1, na favela da Vila dos Pinheiros e circunda o CIEP Gustavo Capanema, conhecido como Brizolão do Pinheiro. O Centro Integrado de Educação Pública - CIEP foi projeto do então governo Leonel Brizola (dai o apelido de Brizolão) e oferecia ensino público de qualidade em tempo integral, oferecendo alienação e ações de arte e cultura. Atualmente as escolas CIEPs não têm mais a oferta de educação em tempo integral e seguem o padrão de meio período de ensino, mas o apelido se manteve identificando esses espaços. A população não reconhece como CIEP Gustavo Capanema e sim como “brizolão do pinheiro” do mesmo modo o Ciep Operário Vicente Mariano que é “brizolão da baixa” , o Ciep 326 Professor César Pernetta que é “brizolão do parque união ou ainda o CIEP Samora Machel que é o “brizolão da divisa”.

A rua do brizolão do pinheiro é uma das principais da favela do Pinheiro e conta com grande circulação de pessoas porque aglutina bares, restaurantes, bailes e dá acesso a outras favelas da Maré como o Salsa e Merengue e o Conjunto do Pinheiros. É um muro de oito metros que foi pintado de roxo e nele foi estampada uma foto de Bruna Silva com seu filho Marcus Vinicius. O menino tinha treze anos, era estudante, flamenguista, morava com a mãe na Vila dos Pinheiros e foi assassinado pela polícia durante operação policial em 20 de junho de 2018, três meses depois do assassinato de Marielle Franco, por quem o menino era

apaixonado, segundo sua mãe. *“Vou fazer desse pedaço de pano meu instrumento de busca por justiça”*, foi a frase dita por Bruna, durante o velório do filho. Sua trajetória tem sido marcada pela constante companhia da camisa do filho e outros artefatos como a mochila que ele usava no dia que foi assassinado , nos atos em memória de Marcus.



Camisa com sangue- Fotografia: Lu Sodré

“Eles matam nossos filhos na comunidade e tem o dom de botar a vítima como criminoso, sendo que o criminoso é o próprio Estado. Eles falam que a bandidagem não respeitam a farda deles. A Polícia não respeitou a farda do meu filho”, afirma Bruna, erguendo um uniforme de escola pública manchado de sangue, camisa que Marcos Vinícius usava no dia em que foi morto e que hoje é bandeira de luta de sua mãe. (fonte : Matéria do jornal Brasil de Fato)²⁰

²⁰ <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/14/maes-de-jovens-assassinados-dedicam-a-vida-para-denunciar-violencia-policial>

Bruna Silva afirma que quando seu filho morreu ela renasceu como uma ativista que hoje tem diversos filhos porque cada adolescente da Maré também é, de algum modo, seu Marcus Vinicius. Assim como as demais mulheres ouvidas nesta pesquisa, ela é considerada uma liderança importante no direito à memória da maré, primeiro porque precisou lutar pelo direito à memória do filho, criminalizado pela polícia e depois para que nenhum outro filho da Maré tenha dupla morte (a morte física e a morte de manchar sua memória) . Esta é uma afirmativa frequente de Bruna. Dito isto, passamos ao muro do Brizolão. A imagem estampada no muro do Brizolão foi escolhida por Bruna, o que não é comum nas homenagens que se fazem nos muros da Maré. A foto escolhida foi uma selfie .



Selfie Bruna e Marcus Vinicius - Fonte: Arquivo pessoal de Bruna

Assim como o muro da divisa, este muro fica numa encruzilhada marcada pela alegria e pelo amplo movimento dos carros e motos. A imagem de Marcus Vinicius no muro não parece evocar nenhuma sensação de desconforto em quem passa, o

sorriso do menino parece se somar aos sorrisos de bêbados e sóbrios que circulam por ali como se vivos e mortos caminhassem juntos por instantes. O CIEP é um lugar onde crianças circulam constantemente e dentro do espaço do CIEP funciona uma ONG antiga na favela que trabalha com produção de direitos humanos.

Diferente do muro da divisa, este não tem marcas de tiros sobrepostas, não carrega memórias de dor, mas é um espaço que ficou durante muito tempo abandonado pelo Estado e por isso começava a ser usado para fins ilícitos quando três anos atrás passou ser ocupado pela ONG Redes da Maré e se tornou um símbolo de cuidar das crianças.



Muro do Brizolão do Pinheiro - Fonte Arquivo Pessoal

Marcus Vinicius foi assassinado com o uniforme da escola pública CIEP Vicente Mariano, por isso sua imagem no muro de uma escola guarda simbolismo ímpar. Sua mãe costuma dizer que após sua morte cada criança da favela se tornou

também seu filho no sentido da luta por direitos. As falas de Bruna Silva são sempre carregadas de muita coragem e raramente seus medos escapam em suas falas, lembro-me apenas de um desses momentos com ela quando disse que seu único medo era esquecer-se de seu filho. De seu rosto, de sua voz. Marcus foi a primeira criança assassinada em favelas cariocas após a morte de Marielle Franco. A morte de crianças nas favelas vem crescendo em função da política de morte que vem sendo impetrada pelo Estado brasileiro. Segundo a Ong Rio de Paz entre 2007 e 2019, houve aumento de 56% no número de vítimas com idade entre 7 e 14 anos. O aumento de mortes de crianças nas favelas cariocas vem obrigando familiares a se colocarem em luta pelo direito à memória de seus filhos e por justiça. Esse fenômeno do aumento radical do número de óbitos de crianças, originou a Lei Agatha Félix (2021) que prioriza a investigação de crimes contra crianças nas favelas cariocas. Infelizmente Agatha foi mais uma vítima da violência armada do Estado em 21 de setembro de 2019 no Complexo do Alemão. Tanto Agatha quanto Marcus eram crianças negras, faveladas e morreram enquanto circulavam pela cidade. Ambos casos seguem sem finalização de julgamento.

Ainda sobre o muro, outra característica específica dele é que ele se direciona a um grupo específico da favela que são as mães de vítimas de violência de Estado, mas mesmo guardando esta característica ele não se isola porque na Maré é comum que a educação e o cuidado das crianças seja coletivizado por isso quando uma criança é afetada, toda comunidade também é. Como se todos estivessem conectados pela mesma rede de memória. Este é o segundo portal da memória neste trabalho.

2.3 O muro do Museu da Maré

O Museu da Maré fica na encruzilhada entre o Morro do Timbau, nossa favela mãe, e o Conjunto Bento Ribeiro Dantas, também conhecido como Fogo Cruzado, nossa favela mais recente até ano retrasado, quando surgiram mais duas favelas no complexo. Imponente, o morro do timbau exala força desde a organização de seus moradores ao espaço físico em si. Já o Fogo Cruzado fica numa região de aterro, que não existiria sem a energia de mãos humanas que

pouco a pouco aterraram o lugar até que no final dos anos 1990 o governo decidiu construir um condomínio popular de tijolos vermelhos.

A imagem no muro é de Dona Orosina Vieira jovem, com olhos bem abertos e atentos como quem guarda a memória daquele lugar e invoca jovens e velhos a um encontro de experiências que provoca debates entre o que pode ser recuperado nas histórias de luta da favela. Essa encruzilhada é aberta e também muito movimentada, às margens da linha amarela e rua funciona como possibilidade de acesso à avenida Brasil, à linha amarela e à linha vermelha quase como quem anuncia que a memória jamais será encurralada. “Dona Orosina, você é inspiração para o trabalho que a gente realiza” fala de Claudia Rose²¹. Sobre os muros escolhidos nesse trabalho, Camila Felipe²², diz,

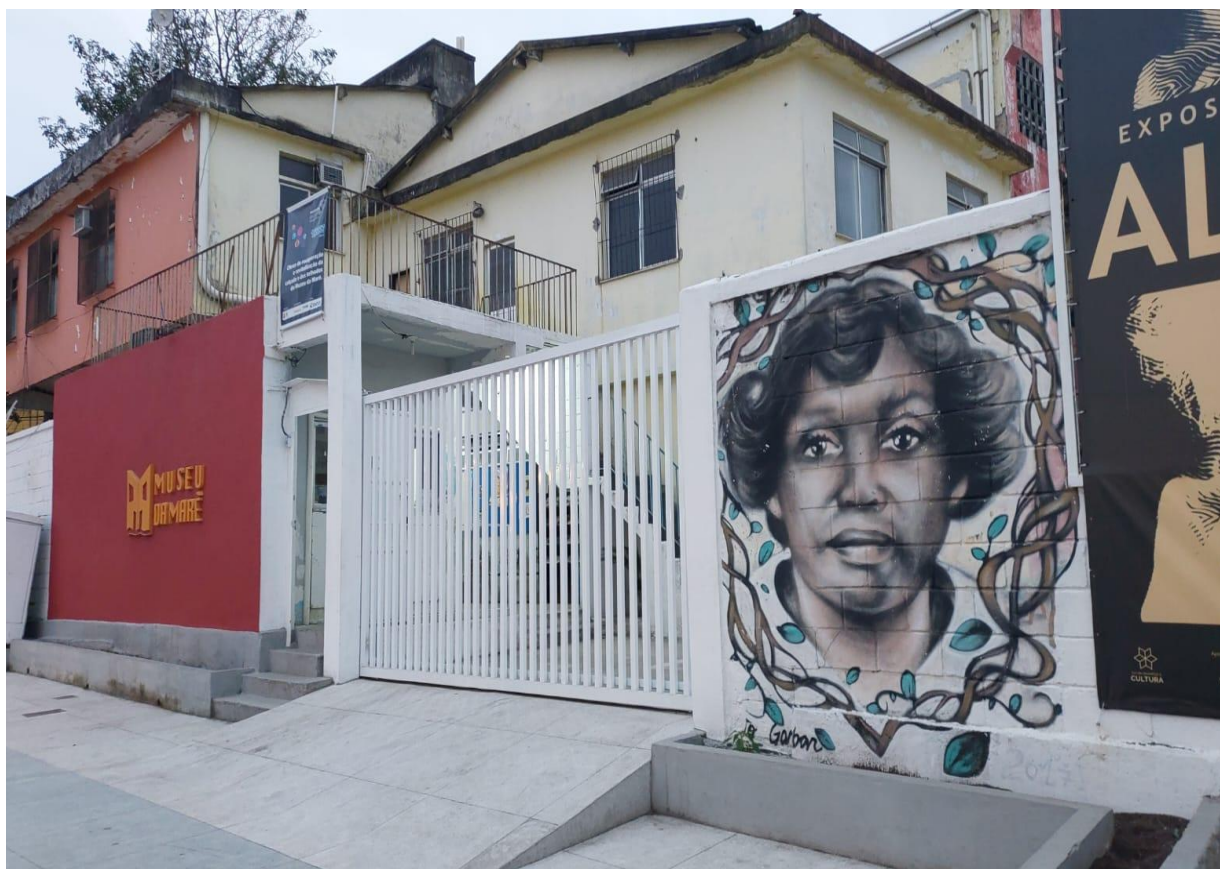
“Acho que todos os três muros são bastante simbólicos em algum lugar pros Mareenses. Mas o muro do Museu me pega no lugar muito do afeto, acolhimento, potência, memória e de luta. Pra mim, ter um museu que conta a nossa história, histórias que são contadas por mareenses, de mareenses e para mareenses é algo que nos conecta e potencializa de forma absurda. Toda vez que passo pelo museu e vejo esse muro, ele me remete às festas, os encontros que acontecem ali, os festivais de cenas de teatro e toda essa potencialidade que o museu tem.”

A imagem de dona Orosina Vieira consegue atravessar os tempos, é imortal e atemporal não fazendo qualquer distinção entre as lutas do passado e essa forte presença nas lutas que ainda nos dias de hoje são travadas na favela para garantir direitos humanos fundamentais. Com foco nos olhos marcantes e arregalados de quem espreita o futuro mesmo que a cabeça esteja em algum tempo presente, a imagem exala força, mas não intimida. Sensação similar à que tenho quando olho para a encruzilhada deste muro, ela parece generosa com todos mas também confunde-se como alheia a todos. Talvez a quantidade de carros que passa

²¹ Mareense, Professora de História, Cofundadora do Museu da Maré, uma das cinco mulheres ouvidas nesta **pesquisa**.

²² **jovem mareense de 23 anos, estudante de odontologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, uma das cinco mulheres ouvidas neste trabalho.**

cotidianamente por ali deixe a sensação que aquele não é um espaço da favela, é apenas um local de “correria”²³



Muro do Museu da Maré - Fonte: Arquivo Pessoal

A imagem de dona Orosina está permanentemente presente no muro, sendo sempre retocada para que não desapareça. É a única imagem nos três muros escolhidos, que a população não permite que o tempo apague.

²³ giria que remete a quem está sempre com pressa



Rosto de Orosina Vieira - Fonte: Arquivo pessoal

As ervas em torno do rosto de Orosina nos fazem lembrar a profissão de nossa fundadora, mas também nos relembra que essas raízes sempre estarão articuladas entre ela e os habitantes da Maré, portanto lampejos do passado-futuro são possíveis.

A rua do Museu da Maré é talvez o melhor exemplo de convivência entre o antigo, o recente e o porvir. Embora seja a rua mais antiga da favela, originada das águas da Baía da Guanabara, é também a rua que concentra os bares que copiam a zona sul em suas arquiteturas. Também representa memória, caminho e cuidado porque de um lado temos o Museu da Maré que tenta organizar os acervos de memória dos moradores, do outro lado da rua a Clínica da Família Adib Jatene e no meio uma rua larga com acessos a vias importantes da cidade. Este é o terceiro portal da memória neste trabalho.

2.4 As encruzilhadas dos muros

É curioso que em meio a tantos becos da favela os três portais de memória deste trabalho se situem em encruzilhadas abertas. Existem outros locais com imagens nos muros, é óbvio. Mas o que esses três espaços têm em comum é o reconhecimento das moradoras e dos moradores. Todos são geralmente ponto de referência para alguma ação ou alguma narrativa. Todas carregam problemas de relacionamento, por assim dizer. Na divisa, já amplamente explorada acima, existe uma dificuldade de contato de pessoas que habitam os lados da fronteira. No pinheiro, existe a dificuldade de relacionamento entre crias e os imigrantes africanos, principalmente de Angola que poderia dizer que perpassa por xenofobia e por último a encruzilhada do museu da Maré que por acessar vias importantes trazem muitos “gringos” e acadêmicos sabichões que geram conflitos ao se encontrarem com a produção de saberes da Maré. Nesse sentido, todos três portais de memória acumulam experiências de pessoas que lidam com os andarilhos, saídos de suas terras em busca de ar, água, lar, sociabilidade, pertencas e até mesmo usurpações. Ao mesmo tempo, parte das memórias desses andarilhos se colam à densa camada de memórias que esses espaços guardam.

O contato com o estrangeiro, o andarilho tem pontos positivos e negativos para a experiência de sociabilidade da favela. Considerando a formação mareense como descendente de migrantes, ousa dizer que todo corpo mareense tem memória de andarilho, talvez isso incomode tanto no contato com o estrangeiro que chega para habitar e não para dominar a narrativa. Assim, a energia que movimenta a memória nesses lugares é a energia da correria, do caos que ao mesmo tempo em que cria confusão também pode gerar conhecimento, vida, crescimento. Encruzilhada é um elemento importante para pensar a memória a partir do entrelaçamento com a matriz africana e também será entendida aqui como uma pedagogia, modelo de analisar as experiências e os processos de luta na Maré, como defende Luis Rufino (1987), “A estratégia da pedagogia das encruzilhadas, como guerrilha epistêmica, é seduzi-los para que eles adentrem ao mato. (...)é lá

que serão armadas as operações de fresta que tacerão fogo no canavial.Vale dizer que esta pedagogia tem três pilares centrais a saber: político, poético e ético.” p.10.

Cada muro é entendido aqui como um portal de memória diante dos olhos de todos que tenham interesse em construir o presente e futuro trazendo nesse bojo as memórias que ora são do passado ora do futuro e se sobrepõem ao presente. Por estarem em lugares de correria e de caos, esses portais são importantes para uma parte da população e passam despercebidos por outros, que em alguns casos até vêem as imagens, mas não se atentam a elas ou às mensagens que elas tentam enviar. Em geral essas pessoas não têm núcleo comum de sentimentos com quem habita e constrói a favela, nas palavras de Leda Martins(2000),

a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, (...) origens e disseminações. p.73

Ainda sobre a pedagogia das encruzilhadas adotada neste trabalho, podemos afirmar que consiste em se utilizar de outras gramáticas possíveis para construir elementos políticos fundados essencialmente numa ética que prevê o respeito à vida das pessoas e o fomento à emergência de novos seres políticos. Importante ressaltar que esse modo de intervenção não se interessa em extinguir as culturas com as quais tem contato e sim fagocitá-las, transformando-as em parte de seus conhecimentos. É a oferta permanente de outra forma de ler e afetar a realidade que escape do esquadro hegemônico, é a possibilidade de responder à inquietante questão,

“estamos condenados a mover-nos
exclusivamente dentro do
espaço da hegemonia ou podemos,
ao menos provisoriamente, irromper
seu mecanismo?”²⁴

²⁴ Slavoj Žižek APUD LIMA, Manoel Ricardo, 2021.

Importa-nos aqui emboscar, nos becos da memória mareense, o olhar eurocêntrico, colonial, que subordina nossos corpos e nossa subjetivação trazendo para a arena uma inversão da hegemonia, como afirma Rufino (1987), A colonização é uma engenharia de destroçar gente, a descolonização não somente como conceito, mas enquanto prática social e de luta revolucionária deve ser uma ação inventora de novos seres e de reencantamento do mundo. p. 12

Em geral, quanto mais importante a mensagem a ser enviada aos mareenses, mais no coração da favela ela é pintada. O que percebi em minha pesquisa é que os muros que se situam às margens da avenida Brasil por exemplo servem apenas como murais de compra e venda, sobretudo de imóveis. Já os muros dentro da favela são usados para mobilizações para a luta por direitos, uma pequena emboscada ao poder hegemônico se desenvolve nas entranhas da favela, no subsolo dos afetos superficiais hegemônicos. Falar de memória é falar de afetos plurais, muitas vezes distintos sobre uma mesma cena.

As encruzilhadas escolhidas nesse trabalho são também embebidas de afetos das mais distintas intenções, assim como a divisa do Complexo da Maré debatida anteriormente, que consegue evocar o melhor, o pior e o indiferente das pessoas.

Afirmar que as encruzilhadas da maré são encharcadas de afetos distintos também implica perceber que cada uma das três encruzilhadas citadas nesta pesquisa insiste em sentimentos distintos. A divisa insiste em trazer de volta os mortos para que caminhem entre os vivos e assim coloquem esses mortos em segurança ao atualizarem as histórias únicas que se contam sobre a favela. Cada memória atualizada, recontada sob perspectiva dos moradores da divisa, salvaguarda os mortos. Faz reviver lampejos, como nos lembra Walter Benjamin,

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o

perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” p. 224

A encruzilhada do conjunto dos pinheiros insiste em dialogar com a juventude, independente da intenção do grafiteiro que pintou a imagem de Marcus Vinicius. Partindo da pedagogia das encruzilhadas proposta por Luis Rufino, penso que aquele encruzo quer dialogar com a energia do andarilho jovem, que cambaleia bêbado após o baile que acontece naquela rua e segue afeto a sorrisos e prazeres de jovens que por um instante esquecem que vivem num território onde seus corpos são alvos da morte que vem pela mão do Estado a qualquer momento. É, como afirmava Bira Carvalho, a aposta na alegria como resistência .

A encruzilhada do Museu da Maré, dentre todas é a que me parece mais alheia aos sentimentos dos moradores ou talvez os moradores lhe sejam alheios, seja porque passam sempre por ali correndo ou prestando atenção nos carros que passam em alta velocidade que acaba por lhes roubar o olhar. por ligar a favela às três principais rodovias da capital carioca (linha vermelha, amarela e av brasil) é a encruzilhada que concentra maior movimento de pessoas de carro, que embora circulem por ali, muitas vezes nem estão prestando atenção às imagens que refletem dos vidros das janelas ou quando prestam atenção, buscam visualmente encontrar as tão faladas armas contadas pela história racista contada a respeito daquele corpo-território invocando-o como local perigoso do qual sempre se deva fugir. Invoco novamente Luis Rufino (1987) para emboscar esse pensamento hegemônico sobre a favela e digerí-lo devolvendo ao mundo um novo modo de pensar a memória da Maré a partir de uma aproximação entre o anjo da história e o pássaro sankofa, símbolo dos movimentos de memória de Exú. Pensando então as afirmativas de Walter Benjamin (1985) ,

“A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. “A verdade nunca nos escapará” — essa frase de Gottfried Keller caracteriza o ponto exacto em que o historicismo se separa do materialismo histórico. Pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela. “
p. 222

Desenvolvo a afirmativa que o anjo da história fez sua morada na divisa, alimentando-se da energia do caos, mas também das centelhas de esperança. Ao mesmo tempo em que o pássaro mítico sankofa parece habitar o encruzo do Museu da Maré, e ainda juntos habitam o encruzo do conjunto dos pinheiros porque neste último, a memória mais dolorosa foi impressa como alerta mas não mobiliza mães de vítimas para invocarem ali seus mortos, lá não há acendimento de velas, entrega de flores ou mães chorando seus filhos. Ao contrário existem crianças que passam e no máximo identificam ali um colega ou ainda jovens que talvez entre um gole, um trago e um esquecimento lampejem que podem ser mortos pelo Estado.

A divisa exala desespero, amedronta as moradoras e moradores com memórias de 10, 20 anos atrás, mas com memórias de ontem e com memórias que ainda não acontecerem, mas repousam nas narrativas e nas conversas de bar ou com o vizinho de porta. Ali existe sempre um futuro que ao mesmo tempo é um agora e coloca a todos em alerta, me fazendo recordar o anjo da história que se desespera ao ser brutalmente impelido ao que não conhece ou talvez a algo que conheça mas lhe é inevitável.

O encruzo do Museu aglutina pedestres, carros e seus motoristas, motos dos mototaxi que ganham a vida levando quem está com pressa, sempre com pressa é a definição de quem passa por ali. Sempre com um compromisso que pode dizer sobre si ou sobre o coletivo, mas faz com que todos pareçam também alheios ao entorno. Aproximo essa encruzilhada do pássaro mítico de Exú porque nas tradições africanas Exú não tem desespero, embora cause o caos, ele parece malandro, com o jogo de corpo da rua e a calma de quem sabe que o tempo pode voltar e nesse retorno tudo passa novamente pelo mesmo lugar.

Você que fez trato com Malandro. Trato feito, não volta atrás! Você conseguiu o que queria, mas aquilo que devia não lembra mais...

Corre o fogo, corre o tempo, corre até não poder mais, mas um dia tu me paga, na volta que o mundo faz!! ²⁵

Nesse sentido, Sankofa é, paciência para esperar os retornos e se alimentar de quem passa pelos tempos. Para as tradições africanas, sankofa é uma realização do eu, individual e coletivo. Por isso nada está perdido, nada passou, qualquer coisa que tenha sido perdida é passível de ser resgatada, revivida, podemos então reviver algo e perpetuá-lo, mas para isso é necessário saber esperar, outro aprendizado das tradições africanas é que Exú rege o tempo.

Ainda sobre a encruza do Museu é curioso pensar que embora o Morro do Timbau seja a primeira favela da Maré e por isso tenha mais conquistas políticas e de política pública para seu território, esta também é uma favela conhecida como “lugar de velho” por ter a organização comunitária mais lenta e ter em suas frentes de luta pessoas mais velhas, com histórico de observar primeiro e se envolver por último. E ainda por não ser uma favela com muitas festas que rompem a aurora e principalmente por não ter baile funk, marcação tipicamente jovem das favelas da Maré.

Por fim, correlacionei a encruzilhada do muro do brizolao com uma casa possível para ambos habitarem (sankofa e o anjo da história) porque aquele local aglutina ambos. Por ali passam muitos carros e motos sempre na correria, aquela também é uma rua possível de ligação entre a linha amarela e avenida Brasil, mas também é um lugar onde os bêbados, andarilhos, jovens e crianças habitam para exercerem suas liberdades. É um lugar onde as rebeldias se juntam e em muitas vezes criam embates com quem apenas está passando, apressado para ir ao trabalho, alheio aos movimentos no entorno, a menos que o movimento seja uma operação policial. O braço armado do Estado é o único capaz de colocar em suspenso o alheio e o bom vivã.

As encruzilhadas são o principal símbolo das tradições africanas, elas representam vida, fluxo, força vital, retornos, reflexões, produção de conhecimento,

²⁵ ponto de malandro - falange de Exu

alteram percepções e sentimentos. É onde as memórias se inter cruzam, passam, se fixam e desafixam, cumprem sua função. “ Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja num momento de perigo. Benjamin, 1985, p. 224.”. Neste ponto que Benjamin chama de lampejo situo também o momento do movimento de Exú.

Para situar este movimento trago ao debate a fala de Marilene Nunes, cofundadora do Museu da Maré, ouvida neste trabalho como uma griô da Maré. Quando perguntada sobre a casa da divisa e sua relevância para os processos de memória ela diz que,

“ Naquele muro estão os nomes de todos aqueles que de certa forma não receberam os cuidados do Estado, faltou políticas públicas, ali estão escritos os nomes de cada pessoa que viveu e morreu na Maré e essa memória merece ser preservada, olhada e lembrada para nunca esquecermos, é uma maneira de manter viva a memória de cada uma delas. Sempre que atravesso aquela rua sinto algo diferente, é como se sentisse uma dor.”

Na fala, a moradora traz aquele espaço como um lugar onde ela sente algo diferente do restante dos locais da favela, é o que nomeio de portal nestre trabalho. Nesse caso, um portal constantemente aberto por onde se cruzam vivos e mortos o tempo todo, se afetando em tempos diferentes a partir das memórias que evocam nos transeuntes e andarilhos que por ali passam na correria ou vagando . A energia motriz da encruzilhada é a energia do caos que destrói mas que ao destruir devolve transformado, sob a forma de memória que passa pelo sentir ou por outros modos de comunicar. Ali repousam o anjo da história e o Sankofa, conversando sobre modos de furar os conceitos de tempo ocidentais, assustando-se com o futuro que inevitavelmente se lança sobre eles ao mesmo tempo em que calmamente em meio ao caos decidem qual o ponto de toque da pedra do futuro, de qual memória insubmissa ela partirá, insurgente e forte capaz de modular outros tempos para gerar novos movimentos.

Nas conversas que fiz com cinco mulheres da Maré para ampliar o debate nesta pesquisa, perguntei “se você pudesse enviar uma mensagem para Dona Orosina Vieira, o que diria?” todas reconhecem a importância da fundadora não só para o início da Maré, como sua forte presença nos dias atuais. Nestas narrativas o tempo não é linear, como na fala de Marilene Nunes,

“Valeu minha dona Orosina! Se naquela época em que chegou no Rio de Janeiro e depois veio pra Maré, a mulher era tão desvalorizada não podia lutar pelos seus direitos, e a senhora foi uma lutadora, reivindicou, botou moral, empunhou garrucha, demarcou seu território... Se vivesse nos dias de hoje, com certeza estaria ocupando algum cargo político. (...) Hoje as mulheres que vivem na favela despertaram pra vida, muitas que são mãe e pai foram a luta, voltaram a estudar, buscaram uma formação, qualificação, especialização em alguma área pra poderem lutar por seus direitos, e muitas mulheres da favela hoje estão na política usando suas vozes seja na Câmara, na Assembleia falando por nós.”

Na fala ela reconhece uma não materialidade do corpo de Orosina, mas fala de sua presença na luta das mulheres da Maré sem titubear, não há dúvidas para ela que Orosina se perpetua na memória daquele lugar.

3.0 Exu e as insurgências da memória mareense

“Odara, morador da encruzilhada!”²⁶

Antes de colocar o orixá da memória e do caos no centro do debate e de utilizá-lo como espinha central neste debate, importa uma apresentação da tradição iorubá que utilizarei nestes escritos. A cultura afrobrasileira como conhecemos é resultado de muitas modulações dos corpos-território que vieram escravizados do continente africano e compreender os reflexos dessa diáspora se faz importante

²⁶ Ponto do orixá Exu na umbanda.

para o entendimento das diferenças de fundamentos nas tradições iorubás que utilizo .

Segundo Nei Lopes (2020), aqui o que conhecemos como “cultura iorubá” pode ter duas origens sendo uma africana e outra que se reivindica cubana e que pelo que compreendo é , na verdade o resultado de uma variação na tradição iorubá africana que ao passar pelo território cubano, sobretudo de Havana, ganha nova roupagem incluindo novas leituras de mundo e abandonando outras que a tradição inicial reivindicava. O termo iorubá é no continente africano, uma tentativa de unificar povos da África sob uma única nomenclatura religiosa. Contudo, essa unificação muitas vezes é vocalizada no Brasil e, em meu entendimento, gera muita confusão ao apresentar de modo único um conhecimento que na verdade é muito difuso em função das muitas paradas em países que fez ao longo de seu trajeto, uma explicação sobre essa unificação na África é de Nei Lopes (2020),

“A denominação yoruba (em português, ioruba ou iorubá) passou a ser usada para unificar e designar esse conjunto de povos aparentados, localizados principalmente no sudoeste do território da atual República da Nigéria e na porção nordeste do atual Benim. Esse território ocupa a parte da África Ocidental banhada pelo Oceano Atlântico, estendendo-se dele, para leste, até o delta do rio Níger, e para o norte. No extremo limite a sudoeste localizam-se os povos ewe, adangbe e ga, provavelmente pertencentes, outrora, ao mesmo grupo cultural que os atuais iorubás. Mas entre os vizinhos imediatos, os mais importantes são os borgus ou baribas e os nupés ou tapas, ao norte; e os ibos, a leste. Ao sul ficam o Oceano Atlântico e os ijós, no delta do Níger. Na época presente, os iorubás se localizam nos atuais estados de Oyó, Ogum, Oxum e Ondo, aproximadamente. Assim, o iorubá é uma língua falada, com variantes locais, a partir do sudoeste e do sul da Nigéria até a República do Benim, antigo Daomé, a oeste. Os mais remotos antepassados desses falantes do iorubá viviam, principalmente, numa vasta e fértil região de floresta a sudoeste do curso do rio Níger. Tempos depois, migrantes provenientes do norte dominaram esses nativos e, já miscigenados a eles e tendo desenvolvido uma língua comum, introduziram nova forma de governo. A célebre Civilização de Nok, florescida e desenvolvida nesse ambiente,

entre o século 5o AEC e o século 2o EC, teria sido o centro de origem do que hoje conhecemos como "iorubás". p.13

Embora, no exercício religioso e no modo de leitura de mundo haja muitas diferenças na tradição iorubá africana e cubana, para o orixá que usarei neste trabalho a modulação é pequena, portanto compreendo que não há prejuízo em citar ambas tradições, apenas marcarei quando estiver me referenciando em uma ou outra por uma questão de deixar claro o referencial teórico. A maior parte das referências deste texto é de origem cubana.

Importante dizer que talvez a modulação mais importante para a imbricação com este trabalho de pesquisa é a modulação do patriarcado na religião. Isso porque na tradição africana a mulher ocupa cargos no alto escalão na religião, o mesmo não acontece com a tradição cubana. Nesta tradição o conhecimento sobre os orixás é partilhado apenas com os homens, passando de babalaô para babalaô²⁷, como percebemos nas afirmações de Nei Lopes (2020), "na tradição de Ifá (...) a iniciação feminina dá-se apenas nesse grau já que a condição de babalaô é eminentemente masculina" p.194.

Importa ainda marcar que, a tradição iorubá que chega ao Brasil, vai originar outros movimentos de ramificação, uma a umbanda²⁸ onde outros marcadores da estrutura organizacional da religião são erigidos e as mulheres ganham inserção nos cargos mais altos. O maior esforço de consulta para a escrita deste texto foi na umbanda por conta da inserção feminina na religião e da narrativa de caráter feminista negro deste trabalho. Por isso, para esta pesquisa uso a Yalorixá Lenira Doxum como fonte de conhecimento, sua trajetória de décadas nesta religião acumulou conhecimento suficiente para se tornar uma biblioteca para esta pesquisa.

A escolha metodológica não foi aleatória, ao contrário, houve uma intenção de marcar a organização dos processos de memória e de luta no Brasil a partir da intervenção das mulheres. Por este motivo também o forte crivo desta pesquisa na noção de corpo defendida por Rogerio Haesbaert (2021) que coloca em foco a

²⁷ título atribuído aos homens sacerdotes na tradição iorubá.

²⁸ A religião surgiu em 15 de novembro de 1908, quando o médium Zélio Fernadino de Moraes incorporou pela primeira vez o "Caboclo Sete Encruzilhadas", numa sessão espírita da Federação Espírita, em São Gonçalo, Niterói.

noção de território a partir do entendimento dos povos originários brasileiros, sempre marcando as mulheres como importantes motores dos caminhos. É impossível falar de movimentos sociais, de luta e de construção de processos neste país sem marcar a intervenção e organização das mulheres. Angela Davis (2016) argumenta que para compreensão sincera de uma sociedade é precisa balizar o conhecimento no tripé gênero, raça e classe. Neste trabalho amplio este tripé inserindo o território como marcador deste quadrilátero.

Na Maré as mulheres encabeçam os processos de luta por direitos, como se percebe na construção feita nestes escritos, dos três muros escolhidos para observarmos as ondulações que a memória produz, dois têm relação direta com imagens de mulheres símbolos de luta na favela e o terceiro é invocado no feminino: A casa da divisa. Penso que a relação entre memória, energia das mulheres e saberes ancestrais ganham tom inseparável nos processos sociais do complexo da maré. Certamente em outras regiões do Brasil onde o quadrilátero se aplica, perceberemos forte incidência das mulheres mesmo com os muitos percalços históricos que o patriarcado imputa a essas experiências e esses corpos.

Assim como a encruzilhada é impossível de ser encurralada, a memória mesmo nos becos não pode ser contida ela aflora em cada membro deste enorme corpo território que é a Maré, um corpo que insiste em se expandir em juntar culturas distintas criando uma Maré multicultural onde os traços de diversas culturas emergem nas ruas, nos becos. O cenário está sempre alimentado da energia de andarilhos, dos saberes acumulados, aquilombados e por isso suspeito que a imbricação com o modo de rememoração deste complexo de favelas seja facilmente alinhado ao modo de emersão de memórias do Orixá Exu em suas andanças nos tempos.

Finalmente, falar da memória na Maré é esbarrar com a presença inegável e impossível de ignorar, das mulheres. Essa característica não gera assombro porque ainda embasada nas afirmativas de Angela Davis (2016), as mulheres negras são a base da pirâmide da sociedade e quando elas se movimentam toda sociedade se movimenta com elas. Esses movimentos geram afetamentos na sociedade que em alguns casos parecem insignificantes, mas como uma maré aterrada que mina as bases de cidades inteiras fazendo-as afundá-las, a longo prazo são esses

movimentos que estão ampliando os passos em direção a construção e ampliação de lutas sociais importantes neste país. É impossível falar deste processo sem trazer para esta escrita Marielle Franco, flamenguista, mareense, filha de Dona Marinete, Mãe de Luyara, esposa de Monica Benício, conhecida no mundo como a vereadora mareense assassinada em 2018 durante o governo fascista de Jair Messias Bolsonaro . A morte de Marielle abriu uma fissura no tempo- espaço da memória que talvez nunca seja fechada. Por todos os lugares da Maré, Marielle se faz presente num claro aviso que não pode ser esquecida, não para ser constantemente homenageada, mas para servir como energia motriz para a ampliação e fortalecimento de mulheres negras, faveladas, lésbicas, mães , etc na luta por direitos. Talvez Marielle seja na Maré um novo mito (re)fundador, uma nova reverberação da força da imagem de Orosina Vieira.

Caminhar pelas ruas da Maré com o corpo de pesquisadora da memória nos permite sentir que ali os mortos não estão mortos, eles caminham entre os vivos, tomam café nas encruzilhadas e se colam ao corpo de cada morador. Exemplo disto é a esquina da rua sargento silva nunes com a rua principal na Nova Holanda, onde sempre ficava o fotógrafo Bira Carvalho (Salve!) com sua câmera registrando imagens do dia a dia da favela e chamando a alegria de maior aposta de resistência da favela. É comum algumas pessoas passarem nessa encruzilhada e darem um “salve Bira!” desde que ele morreu. Há uma insistência dos mortos mareenses em movimentar a favela. Se a Maré se consolida enquanto um território corpo, seus movimentos de rememoração podem ser entendidos como gestos de um corpo que se comunica consigo mesmo e com o *outsider*²⁹ , o mareense que não vive mais na Maré, que pegou as estradas a partir das encruzilhadas do saber e se deslocou daquele grupo social no que tange a matéria, mas permanece inexoravelmente conectado aos gestos e emoções deste corpo-território. Imagetivamente o baobá africano consegue concretizar o caminho da memória na Maré. Segundo a tradição iorubá africana³⁰, esta árvore seria um símbolo maior da memória, a narrativa é de que,

²⁹ termo de Audre Lord (2019)

³⁰ No Brasil duas tradições iorubá se desenvolveram, uma de origem cubana e outra de origem africana.

"A identidade social africana de alguns povos é interpretada pela ideia de que as raízes do Baobá representam os ancestrais e as memórias da comunidade, enquanto o tronco, seriam as crianças e os jovens em crescimento. Estes, por sua vez, devem estar enraizados nessa camada profunda, densa e profícua da terra, para sobreviver às variações do tempo e seguir em direção ao ápice de suas vidas. Os galhos significam o amadurecimento e quando as folhas caem, retornando ao solo para alimentar as raízes, dão continuidade a um novo ciclo que recomeça. Sendo predominante nas regiões semiáridas de Madagascar, o Baobá carrega simbolicamente uma outra visão de ser humano, que se constitui a partir do *nós*, ao invés do *eu*, como no ocidente. Elaine Santos, 2020."

A partir deste entendimento, mesmo que um "cria" da Maré saia deste espaço físico, ele continua a fazer parte deste território-corpo porque sua conexão absorve características de ancestralidades. Importa aqui, dizer que, mesmo o cria que se formata sobre o desejo de sair, esse desejo está ligado aos afetos que ele desenvolve pelo território a partir dessa modulação do ser cria. Afetos ruins também são afetos e neste caso entendo como tendo o mesmo epicentro.

Mortos e vivos seguem conectados em esferas diferentes deste tempo espiralado. Se, por um lado, os mortos invocados nas memórias mareenses passam a permanecer entre os vivos, por outro colocam uma ampla frente de debate sobre a responsabilidade de trazer à tona uma determinada memória, responsabilidade muito similar à de um/uma pesquisador(a) ao escrever sobre algo. Considerando os atravessamentos do quadrilátero já afirmado nas linhas anteriores, trago à baila um questionamento sobre quais as consequências de uma rememoração. A pesquisadora pode prever? Digo isto porque no mesmo muro onde atualmente está o Memorial às Vítimas de Violência Armada, em 2021 foi pintada uma imagem da "guerra de pedrinhas", nela crianças brincam de tacar pedras umas nas outras estando um grupo em cada lado da divisa. Esta imagem era corriqueira nos anos 1990 quando a narrativa de rivalidade dos grupos armados do território estava se consolidando e as crianças reproduziam as cenas que viam nos tiroteios representando os tiros como pedras.

Conversando com o grupo de homens que imprimiu a imagem no muro, percebi que a intenção deles era comemorar que aquela brincadeira, considerada não saudável pelas famílias, havia sido extinta, mas se decepcionaram quando perceberam que as crianças passaram a reviver aquela brincadeira e retomaram a “guerra de pedrinhas” mesmo que nenhuma delas nunca tenha vivido aquela brincadeira antes. Em termos objetivos, este desfecho coloca mais peso ao pensamento sobre as escolhas de quais memórias devem ser revividas.

Pensando nas imagens dos muros escolhidos, quando uma vítima de violência de Estado é pintada num muro ela ativa uma onda de pedidos por justiça que mantém essa história viva nas pessoas e assim permite que se possa também esquecer como mecanismo de seguir o fluxo da vida. Esse morto segue entre os vivos, alimentando-se deles e os alimentando. A ondulação deste resgate de memória é tão imprevisível quanto a direção do vento.

No bojo desse do inesperado, do imprevisível, difíceis escolhas de rememoração vão sendo feitas pelas testemunhas da memória mareense. De tudo o que o território viveu, de todos os personagens que construiu, o que e quem vale ser rememorado e repassado às gerações seguintes? Se a memória é, antes de tudo, o espaço de mistura de sentimentos e emoções da testemunha com as histórias vividas acrescidas de tudo que se vive coletivamente, como escolher dentro deste grande caldeirão o que perpetuar? O equilíbrio entre as memórias do passado e constante marcador social para que tudo seja esquecido é um complicador para as escolhas de rememoração porque a memória de um grupo pertence ao campo afetivo e em geral é cercada de certo romantismo, conferindo inúmeras vezes a impressão de que o passado era ótimo e o presente é uma deformação.

O movimento de lembrar e esquecer é, também, um ato político com consequências importantes. A favela tem dinâmica própria, mas faz parte da cidade e como tal vivencia sintomas estruturais de machismo, racismo, classismo e outros problemas que o restante da cidade também vive. Por isso, e considerando a desvantagem social do território em relação ao modelo de gestão necropolítico do Estado, as escolhas de rememoração precisam ser bem pensadas. Uma imagem de um machista incorrigível ou ainda de uma racista que tenha sido importante para a favela deve ser rememorado? Que mensagem vai enviar aos jovens da favela?

Se por um lado as griôs precisam fazer suas escolhas políticas de rememoração, as gerações mais jovens têm assumido cada vez mais a responsabilidade de acessar locais de conhecimento hegemônico e trazê-los para que sejam *fagocitados* nas entranhas da Maré e repassados de modo entendível para as mais velhas num contínuo movimento Sankofa. Assim, a formação política de base é uma responsabilidade de todas as pessoas que habitam a favela e cada uma contribui com o que acredita ser bom para o território, uma experiência coletiva de continuidade quilombola. As mais velhas pavimentaram o caminho das mais jovens e em muitos casos garantiram acesso a espaços de conhecimento, as mais jovens, por sua vez, têm a função de afetar o passado ofertando às mais velhas outra perspectiva de lerem as próprias memórias e assim seguirem fazendo as escolhas políticas de pavimentação do caminho das gerações seguintes.

Ainda pensando as ondulações das memórias emergidas e as responsabilidades com as quais aquela cena se relacionam, retomo um itan da tradição Ifá sobre Olokun³¹. Conta-se que,

Olokun e Olorum eram casados e criaram tudo. Mas se separaram numa disputa de poder e viveram em guerra, separação do céu e da terra. Certa vez, Olokun invadiu a Terra para destruir a humanidade e demonstrar seu poder. Olorum salvou parte da humanidade lançando uma corrente para os homens subirem.

Com essa mesma corrente, Olorum atou Olokun ao fundo do mar. Olokun mandou uma gigantesca serpente marinha engolir a lua, mas Olorum disse que sacrificaria um humano por dia para acalmar a deusa. Assim, todo dia uma pessoa se afoga no mar.

Nas histórias contadas na tradição de matriz africana é sempre possível que algo ou alguém seja radicalmente esquecido, contudo, esse esquecimento nunca é

³¹ Olokun é a mulher de Orunmilá.

cruel e de algum modo um cuidado mínimo é mantido com quem foi isolado porque se compreende que ser esquecido já é o máximo castigo. Talvez esse seja um dos maiores aprendizados para os dias atuais onde o fascismo se coloca trazendo à cena coisas indizíveis³². Entre lembrar e esquecer³³ uma imensidão de desafios se amontoam, entre eles a necessidade de lembrar para que se possa esquecer. O direito à memória invocado como estratégia e ferramenta de luta pelo direito a vida na favela tem sido um dos principais pilares da organização política da Maré. Em alguns vídeos do Arquivo Orosina Vieira, a fundadora da Maré alertava para que se gravassem as coisas para nunca esquecerem como lutar.

Os movimentos de positivação da vida na favela e de direito à memória na Maré têm resgatado esses materiais e discutido com a juventude da Maré para elaborar novas estratégias de enfrentamento à violência de Estado direcionada à favela. Durante conversa Claudia rose nos disse: “Conheci ela (Orosina) pelos relatos de outras pessoas e registros de vídeo.” De muitos modos, Orosina é viva e a inserção política da Maré nos espaços de formulação de leis é também a inserção de Orosina nesses espaços. Seu facão segue empunhado por suas descendentes enfrentando o Estado e suas políticas de morto aos pretos, pobres e favelados.”

Por muitos caminhos, a memória que emerge encharca o solo das lutas de coragem, não uma coragem que nasce somente a partir de um ato brutal, mas uma coragem ancestral, acumulada no tempo, alimentada no tempo-espço afetivo de cada moradora daquele lugar, me fazendo lembrar as palavras de Conceição Evaristo (2017) ,

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta

³² Termo de Pollak (2010)

³³ Nora (1993)

no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela

A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
 recolhe em si a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade. p.24

3.1 Parada na encruzilhada , o facão e a garruchinha saúdam Exú.

Orayeyeo!³⁴
Que seu dourado abençoe o caminhar
A luz do abebê, é fé que move a maré
Mostrando a força da mulher
As mãos que curam, e fazem a vida
Senhora nossa guia o povo
Que viveu em palafitas
Axé que alimenta a esperança
Num mundo melhor, de paz e bonança
Lágrima e suor de uma gente
Que só pensa em ser feliz
A fibra vem delas, que erguem um País

³⁴ Samba enredo da escola Gato de Bonsucesso - 2023 Composição: Aldair Careca / Ali Jabr / Cláudio Vagareza / Cosme Araújo / Gilberto Pituba / Luciano Flauzino / Maurício Naval / Robinho Bacalha / Serginho de Miranda / Thiago Martins / Valter Braga

*Lata D'água na cabeça Dona Orosina!
Sua vida é lutar por superação
Essência e luz que irradia
Matando um leão por dia*

*Amor
Tem poemas e flores
Pra enfrentar dissabores
Pelo palmo de chão
Rainhas de raça e bravura
Pelas ruas pedem paz
Clamando opinião
É ela, a luz da minha melodia
Inspiração da poesia
Iluminando o caminhar
Abrindo os portais, refletindo a felicidade
Que habita em seu ser
Vai, Bonsucesso, delirar a bel-prazer*

*Meu samba é de manifestação
Faz ecoar a voz do coração
De azul e branco dizendo no pé
No meu gato ela é o que quiser*

A xerife abre passagem!³⁵ O Exú da Maré se chama Orosina Vieira. Caótica, portadora do facão, defensora da comunidade, rezadeira, a mão que trouxe muitas vidas ao mundo, voz que enfrentou homens brancos detentores de poder para garantir o direito à moradia no morro, a mulher negra que fez o morro virar lar. Assim começo esta parada na encruzilhada para aproximar a figura de Orosina Vieira à figura de Exú.

Retratada na Maré como mulher de muita força, guardiã do território e do museu da Maré, esta mulher negra também está no centro de muitas histórias que a colocam como alguém que estava sempre protagonizando algum caos. a propósito, caos que é, nas contações de histórias sobre Exu, o principal elemento do orixá porque afirma-se que o caos é a energia que faz nascer o novo. Trabalharei com as imagens do facão e da garruchinha, ervas e chás como símbolos de luta para entendermos a reverberação nos dias atuais.

³⁵ um dos apelidos de Dona Orosina. Arquivo Orosina Vieira no Museu da Maré

3.1.2 Facão e garruchinha

“Orosina tinha sempre empunhado um facão com o qual impunha respeito.” É a frase que a mediadora da exposição permanente Maré em 12 Tempos inicia a apresentação dessa fundadora. A mesma frase apareceu nas falas de três das cinco mulheres ouvidas para este trabalho. Uma mulher negra, nordestina, recém chegada apenas com uma mala de roupas precisava certamente desenvolver estratégias de autocuidado e autoproteção. Como a trajetória da maioria das mulheres negras deste país, Orosina não tinha rede de apoio ao chegar e no morro e passou a fazer de cada pessoa que foi chegando para viver no mesmo espaço, uma pessoa de sua rede ao mesmo tempo em que servia de rede para a outra.

O facão estava sempre empunhado, contam os registros. Já a garruchinha repousava na cintura indicando que a mulher estava pronta para uma boa briga, mas gostaria de não precisar. Na história da Maré o facão sempre esteve nas mãos das mulheres, como demonstrei no trajeto desta pesquisa. Nas palavras de Claudia Rose, “quando busco referências olho para minha mãe, minha avó, para Orosina Vieira e tantas outras mulheres que encabeçaram as vivências e lutas comunitárias na Maré. Ela é de muitos modos, referência.” Pensando o facão como instrumento de luta, de enfrentamento, passo a aproximar as lutas recentes da favela na produção de direitos humanos da imagem do facão empunhado. A garruchinha, velha, que em algum momento teve como endereço o Museu da Maré, lançou-se no mundo e todos a procuram. Ainda assim ela nos lembra que é preciso enfrentar os poderosos e as forças necropolíticas com o que temos em mãos, mas buscando possibilidades de outras ações mais amplas que sejam necessárias. Importa que o opressor saiba que a favela tem mecanismos para se organizar.

Durante os últimos três anos, quando o mundo viveu a pandemia covid19 que foi, na Maré, utilizada pelo Estado como instrumento de ampliar a morte para os corpos favelados, as mulheres assumiram as linhas de frente dos cuidados. Organizadas em grupos, coletivos e ONGs, elas protagonizaram ações de apoio

com segurança alimentar, apoio às famílias dos mortos pela doença e até mesmo na luta pelo direito à vacina. Este protagonismo se colocou. A ação desses grupos freou os números de óbitos por covid19 na Maré durante toda pandemia, foram pensados, junto com os equipamentos de saúde, formas de isolamento seguro que pudessem ser adaptadas à realidade das casas na favela, desta mesma parceria surgiram ações de vacinação em massa na Maré . Todas essas ações podem ser encontradas em páginas de ongs do território, especificamente aqui referencio a página da ONG Redes da Maré que documentou todo processo em boletins semanais. Ainda pensando formas de enfrentamento ao Estado, as mulheres encabeçam ações de ampliação do saneamento básico, melhoria na educação, na saúde e são a linha de frente na luta contra a violência policial . Muitas vezes as mulheres da favela colocam-se em risco enfrentando a policia para defenderem seus filhos e os filhos de outras pessoas, não é um embate imaginado é concreto. Faz lembrar essa imagem, famosa na internet, Cena do filme “Cristo Rey”, 2013.



mulher com facão - Fonte: imagem de internet

Não é novidade que mulheres ao redor do mundo estejam nas linhas de frente de lutas. Durante o período da pandemia covid19, enquanto a sociedade se isolava, as mulheres da Maré saíam de suas casas para se reunirem com outras lideranças comunitárias para pensar modos de manter as pessoas vivas e modos de enfrentar a violência policial de Estado que foi impetrada ao território, mesmo estando em vigor a ADPF (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental) conquistada junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) visando estabelecer regras mínimas de atuação em operações policiais e mesmo em vigor a ação de suspensão de operações policiais em territórios favelados durante a pandemia, o Complexo da Maré sofreu 20 operações policiais. As mulheres seguiram nas linhas de frente de combate da morte que vinha do céu³⁶, do chão³⁷ e da ausência de políticas públicas de saúde e combate à fome.

3.1.3 Ervas e chás

O mesmo corpo-água-terra-território que se movimenta para enfrentar as forças necropolíticas do Estado precisou movimentar-se em muitos momentos, em diversas direções ao mesmo tempo. Cuidar também é herança que Orosina nos deixa. Armas à vista, seja na mão ou na cintura! Chás e outras ervas como vanguarda de cuidado nem sempre visíveis. Também é preciso compreender o cuidado de modo mais amplo, seja pelo chá, pelo banho de ervas, pelas estratégias medicinais ocidentais ou pela incidência política que produzimos nas áreas de saúde e bem estar e na área de produção de direitos humanos.

Essa memória está na base da narrativa de mulheres que encabeçam um movimento de combate ao racismo ambiental, soberania alimentar e nutricional e produção de cuidados via alimentação na Maré. Na última década a favela tem se organizado pra pensar cuidados, retomando tradições de povos originários e bebendo na fonte das tradições de matrizes africanas. O movimento de cuidar de quem cuida, entendendo que a maior parte dessas pessoas são mulheres negras é um gesto altamente antirracista que a favela produz.

³⁶ do blindado aéreo

³⁷ do blindado terrestre

Durante as conversas que fiz com as cinco mulheres escolhidas, perguntei a elas caso pudessem enviar uma mensagem à Orosina Vieira, qual seria essa mensagem. Todas responderam no mesmo sentido afirmando que valeu a pena o esforço dela e agradecendo por as influenciarem todos os dias. A fala mais importante sobre Orosina como guardiã da memória da Maré veio de Claudia Rose que disse,

“ Em 2017 fizemos uma ação de grafitti no museu e escolhemos imagens para serem pintadas em todo o muro que naquela época era enorme. Pintamos varias imagens, entre elas a de Orosina. Com o passar do tempo, as lojinhas foram tomando a calçada e as novas construções foram cobrindo todas imagens. Por algum motivo que nao sabemos qual é, as construções pararam exatamente na imagem dela. Simplesmente não avançaram! Percebendo isso, passamos a cuidar melhor da imagem dela, manter sempre reforçada e reforçamos também a ideia de que ela é a guardiã do Museu protegendo a memória de todos, assim como protege a Maré.”

Como se percebe na fala de Claudia Rose, o movimento de colocar Orosina Vieira como uma entidade já é consolidado , aqui apenas coloco minha lente sobre isso e a aproximo de Exú, guardião da memória nas matrizes africanas. Seguir com esta costura demanda uma parada na encruzilhada para trazer à baila um pouco sobre Exú e o modo como doravante ele se entrelaçam com o debate da memória. Michel Foucault (1963, p. 44) se apropriou do personagem mítico Odisseu e dos infortúnios enviados pelos deuses para pensar a linguagem infinita. No mesmo sentido, me aproprio da imagem de Exú, o deus da fugacidade, da encruzilhada, do tempo, para construir um caminho entre a memória e os processos de rememoração na Maré.

Na matriz africana³⁸ afirma-se que ele (Exu) é o orixá mais jovem também conhecido como Esu, Eshu, Bara, Ibarabo, Akéсан, Yangí, Legbá e Ònan, Exú é o Orixá da comunicação, da paciência, da ordem, da disciplina e da sexualidade. Atribui-se à ele, entre outros títulos, dois que nos interessam, o primeiro é o título de senhor dos caminhos tendo como principal local material de representação as

³⁸ considerando a diversidade de tradições que compõem a matriz africana, marcamos aqui a tradição yorubá como marcador destes escritos.

encruzilhadas. Segundo o itan iorubá, conta-se que Exú ganhou esse direito ao se relacionar com Oxalá,

“Oxalá tinha cada vez mais humanos para fazer e não queria perder tempo recolhendo os presentes que todos lhe ofereciam, então, ele disse a Exú para ir postar-se na encruzilhada por onde passavam os que vinham a sua casa, para ficar ali e não deixar passar quem não trouxesse uma oferenda. Oxalá nem tinha tempo para as visitas. Exú tinha aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalá. Exú coletava os ebós para Oxalá, recebia as oferendas e as entregava. Exú fazia muito bem o seu trabalho e, assim Oxalá então decidiu compensá-lo: assim, Oxalá decidiu que todos os que viessem a sua casa, teriam de também de pagar alguma coisa a Exú. E, assim, Exú mantinha-se sempre a postos, guardando a casa de Oxalá, armado de um ogó, um poderoso porrete, afastando os indesejáveis e punindo quem tentasse burlar sua vigilância. Exú trabalhava demais e fez dali a sua casa, na encruzilhada. Ganhou uma rentável profissão, ganhou seu lugar, sua casa. Exú ficou rico e poderoso. Desde então, ninguém pôde mais passar por uma encruzilhada sem pagar alguma coisa a Exú.”³⁹

Para este trabalho usaremos a analogia da encruzilhada enquanto casa de Exú, enquanto espaço físico onde tudo e todos ganham caminhos, são forçados a fazerem escolhas, inclusive escolhas políticas que organizarão as lutas por direitos na favela. Invoco Leda Martins (2000) para entender que,

“A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões. princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos.” p73.

Assim, muito mais do que a imagem da encruzilhada de caráter lúdico ou imagético, neste texto é episteme, centro do debate, como fundamenta Leda Martins(2000),a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios,

³⁹ Fonte: A mitologia dos orixás (Reginaldo Prandi 2007).

texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, (...) origens e disseminações. p.73. A pedagogia das encruzilhadas é o mecanismo fundamental para compreensão do trajeto de aproximação da reprodução da memória na Maré com os marcos já consolidados na memória social. Outro título que nos interessa é o de mensageiro dos orixás, onde segundo a tradição iorubá Exu tornou-se guardião da memória. Pelo que pude compreender ao longo da pesquisa, Exú se torna o guardião da memória em função do acúmulo de mensagens que ao longo do tempo foi acumulando, nesse sentido, todas as memórias dos orixás foram se colando aos saberes deste orixá e nestas muitas camadas sobrepostas formaram um orixá capaz de afetar a memória do mundo. Seria o único capaz de trazer memórias do passado pro futuro sem passar pelo que se compreende como presente, o hoje é pouco importante nos itans sobre esse orixá. Numa analogia simples, o hoje ou o tempo presente seria apenas um afeto uma sensação. Para a tradição iorubana, a noção de tempo em Exu é fluida. Sodre (1988) afirma que a transmissão do axé implica comunicação com um cosmos que já inclui passado e futuro. p.96

Essa noção de tempo com barreiras arrebatadas permitem então que o guardião da memória viaje por elas. Guardião que pode ser o anjo da história que caminha sempre desesperado buscando escovar a história à contrapelo ou o pássaro sankofa que não aparenta desespero e exerce tranquilamente o movimento de lançar “pedras” ou “o ovo do futuro” sem preocupação com o caos que irá criar, afinal do caos surge o novo, segundo a filosofia que envolve toda tradição de Exú. Sob essa perspectiva, ao ser invocada a memória pode criar caos, revoltas, fins de mundo, ou antecipá-lo⁴⁰.

Em um mundo extremamente dicotomizado se torna muito mais complexo compreender a noção de tempo em Exu pois para o exercício interventivo do orixá, o tempo é apenas uma nomenclatura que a humanidade deu e com a qual ele não tem obrigação. Ele pode matar um homem ontem atirando uma pedra hoje, ou atirar uma pedra do ontem acertando o amanhã. Invoco as palavras de RUFINO (1987) para tornar mais consistente a organização deste pensamento,

⁴⁰ noção de antecipar o fim do mundo de ailton krenak

“A encruzilhada-mundo emerge como horizonte para credibilizarmos as ambivalências, as imprevisibilidades, as contaminações, as dobras, os atravessamentos, os não ditos, as múltiplas presenças, sabedorias e linguagens, ou seja, as possibilidades. Afinal a encruza é o umbigo e também a boca do mundo, é morada daquele que tudo come e devolve de maneira transformada. (...). A encruzilhada e seus cruzos são a própria potência de Exu, assim, o fenômeno é o próprio princípio explicativo do conceito.” p.18

Para a sabedoria de Exú importa que se entenda que não há tempo que caminhe pra frente, o tempo caminha em direções distintas e o futuro não repousa no movimento que parece ser ‘adiante’ e sim no passado atualizado noutro tempo. Sua representação mais importante no Brasil é o pássaro que carrega o ovo do futuro no bico trazendo-o de trás pra frente. Esse movimento chama-se San-ko-fa que traduzido seria san significa retornar, ko significa ir, e fa remete a buscar. Assim sendo, pode ser traduzida como volte e pegue. Não há futuro sem passado e o passado pode se reposicionar no futuro. O tempo assinalado aqui é o tempo espiralar⁴¹ como já enunciado anteriormente. Essa noção de tempo é muito similar ao que defende Walter Benjamin (1985) e aqui nos interessa especificamente a noção de presente, não como um tempo cronológico, o presente é o agora, a experiência e esta pode ser revivida em qualquer tempo.

Imageticamente falando, no Brasil o pássaro sankofa tem duas representações: o pássaro em forma de coração e o pássaro com a forma do animal. O pássaro em forma de coração foi muito utilizado no nosso país para marcar locais de resistência como quilombos que abrigavam a resistência negra no período escravocrata, marcaram também casas onde pessoas negras em luta por liberdade sabiam que encontrariam parceiros de luta. É o símbolo que adotávamos aqui, se o recorte deste texto fosse sobre a influência dos povos negros escravizados no que hoje se entende por cultura afrobrasileira.

⁴¹ conceito de Leda Martins (2000)



Passaro Sankofa - Fonte: Imagens de internet

Para esta construção textual me apoiarei no pássaro colorido por seu simbolismo de carregar o ovo do futuro no bico ao mesmo tempo em que faz um movimento no que estou chamando de passado. Seus pés cravados no chão nos permitem compreender que o tempo que os pés da ave se encontram, ela é o agora, os inúmeros presentes possíveis nos processos de rememoração, já que o futuro está em seu bico. Na umbanda, a analogia do ovo do futuro se cola também à narrativa de uma pedra, que pode ser lançada afetando o tempo, usaremos para a análise dos muros esta compreensão do ovo do futuro enquanto pedra, do mesmo modo como observado no provérbio iorubano: “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que só atirou hoje.” Assim, para Antonio Simas (2021),

O pássaro do passado só pode ser alcançado com a pedra que lançamos hoje; seu voo é incessante. Exu não vai ao ontem porque sabe que (nas espirais do tempo) é no presente que a pedra é lançada em busca do pássaro que, em seu voo incerto, pousará no futuro. .⁴²

Compreenda-se então que o agora é o tempo base. É o chão sob os pés do pássaro SANKOFA, contudo a noção de “presente” nesta narrativa, como já afirmado anteriormente, não é cronológica. O que se entende por “presente”

⁴² Fonte: <https://iree.org.br/exu-benjamin-e-as-centelhas-de-esperanca/>

também chamado de “agora” está fincado na noção de tempo benjaminiana onde não se instalam barreiras temporais rígidas nesse sentido o “presente” pode ser o futuro ou o passado porque ele será revivido no momento deste resgate da memória e nesse movimento vai se atualizando.

Defendo aqui ainda a noção de tempo-território, elaborada por Leda Martins(2021), para explicar como esse orixá passa a ser o principal manipulador do tempo, capaz de garantir rememorações e responsável por manter no esquecimento quem deve ser esquecido. Passo então a fundamentar o tempo enquanto um espaço de fluxo, um território de conexão, muito similar à ideia do baobá africano onde o campo de fluxo das informações passa insistentemente e gosto de imaginar que no centro dessas linhas de fluxo estão Benjamin e Exu confabulando os tempos dos humanos. Por fim, compreenda-se esse tempo como a casa, habitação de Exú, é nele que o orixá se desenvolve, é nele que tudo é moldado e é a medida mais importante de regência da memória. A encruzilhada é, nesse sentido, uma grande cosmopoética do refúgio⁴³ para as histórias da humanidade, o chão sob os pés do pássaro Sankofa.

Retomo a imagem de Orosina Vieira estampada na encruzilhada da favela, com olhos arregalados, cercada por suas ervas, como uma grande vigilante do tempo e das memórias mareenses, invocada com centralidade nos processos de luta da favela, um grande baobá.

4.0 Conclusão

Desenvolver essa pesquisa foi uma tarefa árdua, embebida de muitas encruzilhadas para a pesquisadora, em muitos momentos me perdi e me reencontrei com os caminhos que a memória mareense exigia fazer emergir nestes escritos. Inicialmente dialogaria com a exposição permanente Maré em 12 Tempos do artista Rocco, durante a pandemia covid19 ele fez a passagem de volta ao Olorun⁴⁴ e mais uma vez me vi na encruzilhada, sob os olhos atentos de Orosina Vieira me perguntando se eu pararia ali e tudo bem, ou se eu seguiria abrindo novos

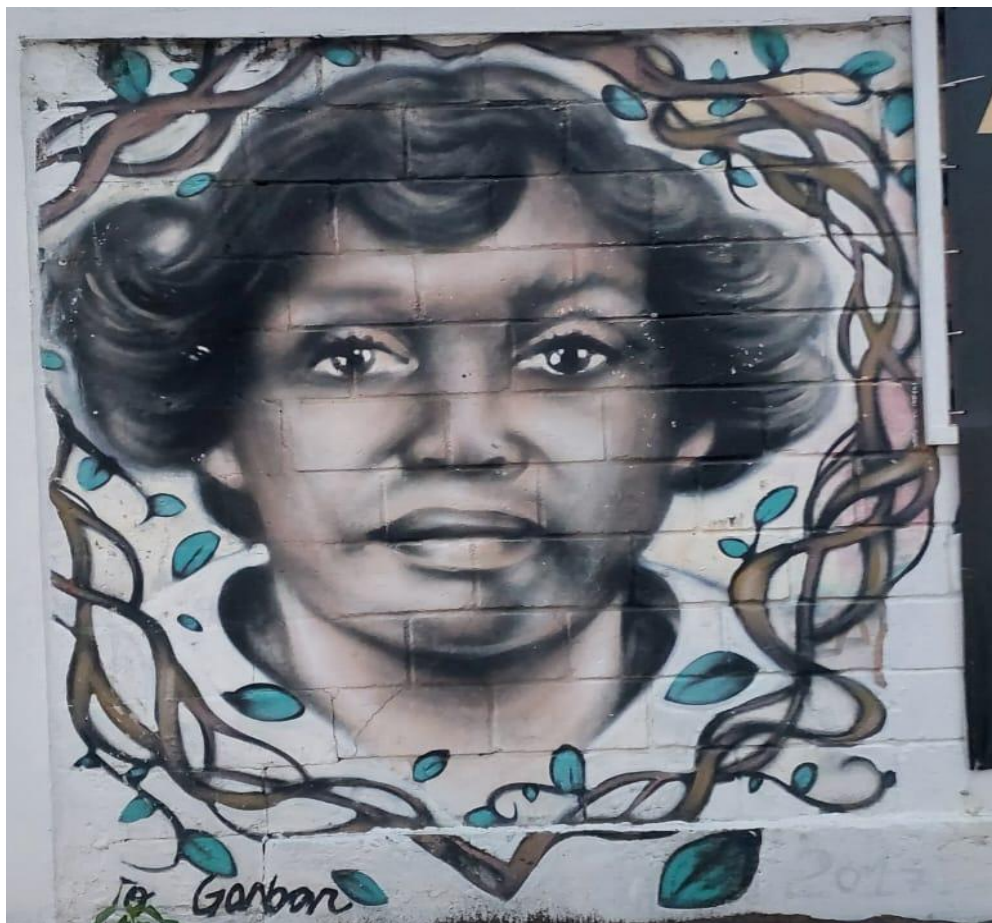
⁴³ termo de Denetem Bonan (2021)

⁴⁴ como se diz nas tradições africanas quando alguém morre

caminhos. Das conversas com Claudia Rose nasceu o novo tema e um novo fôlego para colocar de novo meus pés em movimento.

Para esta construção caminhei muito na favela, conversei com muitas pessoas e fiz muita pesquisa, mas escolhi cinco mulheres com idades entre 23 e 67 anos , que são envolvidas em lutas sociais na Maré. Não tive a intenção de escolher apenas mulheres negras, mas todas as mulheres ouvidas são negras sendo quatro retintas e uma parda. Esse fato aponta para algo que, pelos registros das organizações sociais da Maré, fica nítido que é a liderança esmagadora de mulheres negras à frente de movimentos sociais. Nos faz lembrar Angela Davis (ano) ao afirmar que quando uma mulher negra se movimenta, toda sociedade se movimenta com ela. Ao mesmo tempo aponta a enorme sobrecarga de trabalho e responsabilidades lançadas sobre as mulheres faveladas.

Curiosamente, as narrativas das mulheres escutadas conduziram essa pesquisa para que pudéssemos entender Orosina Vieira como um exu, a grande guardiã da memória mareense, habitante da encruzilhada da memória, ao lado do anjo da história e do pássaro Sankofa. No trajeto que construímos, o trio repousa tranquila e caoticamente nas encruzadas da Maré mantendo um movimento da memória que é constante. O tempo todo emergem memórias e sensações que atravessam os tempos e mobilizam presentes. Algumas similaridades nas três imagens chamam atenção.



Rosto de Orosina Vieira Foto: Arquivo pessoal

Assim como o anjo da história e o pássaro sankofa, Orosina tem olhos atentos que pode ser interpretados como atônita com o que o futuro traz. Utilizo aqui as argumentações de Benjamin (1985),

O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. p. 75



Angelus Novos, Klee Fonte: Arquivo pessoal

Um ponto que chama atenção é a impossibilidade de sabermos qual o tempo ocidental em que as imagens estão.



O pássaro sankofa não exhibe os pés, já o anjo da história apresenta um corpo em direções opostas dificultando este entendimento. Orosina se conecta com o hoje (que não necessariamente é o presente) através das ervas rizomáticas que são capazes de atravessar tempos e de novo nos lançam a um agora que não necessariamente é o presente.

Tenho a sensação que em estudo aprofundado das três imagens é possível construir linhas narrativas que coloquem Orosina Vieira em lugar teórico muito similar às outras duas imagens, mas não consegui perseguir esse objeto neste trabalho.

Em linhas finais, outro ponto interessante da pesquisa é que percebemos que o que chamo de portais da memória, realmente é um marcador no cotidiano das pessoas. Todas argumentam que ao passarem por ali emergem memórias, sensações e lampejos de lutas sociais possíveis. Principalmente nas falas de Marilene Nunes, Claudia Rose e Camila Felipe esse marcador se coloca. Marilene chega a dizer que ali repousam a memória de mortos que exigem reparação, ao falar sobre a casa da divisa.

Anexo

Entrevistas

depoimentos

Para perseguir o caminho da memória na maré a partir do olhar das mulheres, conversei com cinco mulheres de idades diferentes, que vivem na Maré e são envolvidas com movimentos sociais no território. Todas são mulheres negras, de idades entre 23 e 65 anos .

1. marilene nunes

1- se apresenta por favor.

Me chamo Marilene Nunes, moradora da Comunidade Nova Holanda, mulher preta, filha de Luzia e Onofre, mãe de três filhos e dois netos, e viúva. Sou coo-fundadora do Museu da Maré, Coordenadora da Biblioteca Elias José e da Brinquedoteca Marielle Franco e nas horas livres gosto de contar histórias.

2- o que a Maré representa pra você?

A minha identidade enquanto moradora de favela, e isso me ajudou e ajuda a ter pertencimento por esse lugar que há muito tempo eu tinha vergonha de dizer que morava aqui

3 - na divisa tem uma casa que é usada como muro e tem muitas imagens sobre momentos da história da maré. Você vê aquela casa-muro como importante em termos de memória?

Claro que sim.

3.1 Me explica porquê.

Naquele muro estão os nomes de todos aqueles que de certa forma não receberam os cuidados do Estado, faltou políticas públicas, ali estão escritos os nomes de cada pessoa que viveu e morreu na Maré e essa memória merece ser preservada, olhada e lembrada para nunca esquecermos, é uma maneira de manter viva a memória de cada uma delas. Sempre que atravesso aquela rua sinto algo diferente, é como se sentisse uma dor.

4- qual sua opinião sobre o processo de resgate de memória que acontece via muros na Maré?

Acho super positivo. A partir dos momento que se faz um movimento de resgatar algo ou alguma coisa que tenha ficado para tras é sinal de que foi importante, valorizamos e não queremos que caia no esquecimento, que se apague.

5- se você pudesse mandar uma mensagem para dona Orosina Vieira, fundadora da Maré, qual mensagem seria?

Valeu minha dona Orosina! Se naquela época em que chegou no Rio de Janeiro e depois veio pra Maré, a mulher era tão desvalorizada não podia lutar pelos seus direitos, e a senhora foi uma lutadora, reinvidicou, botou moral, empunhou garrucha, demarcou seu território... Se vivesse nos dias de hoje, com certeza estaria ocupando algum cargo político.

6- você vê relação entre a existência das mulheres na favela e a luta por direitos? Se sim, Como ela se dá no cotidiano da favela?

Sim.

Hoje as mulheres que vivem na favela despertaram pra vida, muitas que são mãe e pai foram a luta , voltaram a estudar, buscaram uma formação, qualificação, especialização em alguma área pra poderem lutar por seus direitos, e muitas mulheres da favela hoje estão na política usando suas vozes seja na Câmara, na Assembleia falando por nós

2. Camila Felipe

Sou Camila Felipe, mulher preta, favelada e sapatão. Tenho 25 anos e estou fazendo odontologia na UERJ.

A Maré, pra mim, representa muitas coisas. Desde o quilombo, como um lugar de ancestralidade e representatividade do povo preto, até o lugar que gera muitas potências, sejam artistas, políticos/ministras ou lideranças faveladas.

Acho que todos os 3 muros são bastante simbólicos em algum lugar pros Mareenses. Mas o muro do Museu me pega no lugar muito do afeto, acolhimento, potência, memória e de luta. Pra mim, ter um museu que conta a nossa história, histórias que são contadas por mareenses, de mareenses e para mareenses é algo que nos conecta e potencializa de forma absurda. Toda vez que passo pelo museu e vejo esse muro, ele me remete às festas, os encontros que acontecem ali, os festivais de cenas de teatro e toda essa potencialidade que o museu tem

3. Vera

Se apresenta, por favor?

Meu nome é Vera Marta sobrinha de Orosina. Moro na Maré desde sempre e trabalho aqui no Museu da Maré.

2- o que a Maré representa pra você?

A Maré é tudo. Minha casa, meu lar, onde tenho amigos, familiares. Aqui aprendi tudo que sei na vida. Principalmente a Maré é luta.

3 - Na favela tem muitas imagens de sua tia . Em especial gostaria de saber o que a imagem de Orosina no Muro do Museu representa pra você? 3.1Me explica porquê.

Representa orgulho , alegria, respeito... Ela veio pra cá sem nada, de Ubá la em Minas Gerais, enfrentou muita dificuldade com homens poderosos mas ela era danada , na abaixava a cabeça. Arrumava muita briga! Defendia todas as mulheres com o facão. Acho que ela nunca usou a garruchinha, mas ninguém pagou pra ver. Todo mundo chamava ela de xerife e ela gostava. Então ver que as pessoas ainda respeitam ela e tudo que ela construiu é muito bom mesmo.

4- qual sua opinião sobre o processo de resgate de memória que acontece via muros na Maré?

A memória é um dom de deus minha filha , poder lembrar ajuda a gente a não desistir por coisa boba. As vezes eu me sinto cansada, as pessoas aqui estão perdendo aquele carinho uns com os outros que a gente tinha antigamente. Aí lembrar alimenta a gente, ajuda a pensar que da pra fazer diferente as coisas.

5- se você pudesse mandar uma mensagem para dona Orosina Vieira, fundadora da Maré, qual mensagem seria?

Valeu a pena! Acho que de onde está ela deve estar feliz vendo esse mundão de gente que a gente virou. Eu fico emocionada .

6- você vê relação entre a existência das mulheres na favela e a luta por direitos? Se sim, Como ela se dá no cotidiano da favela?

Sim. Tudo aqui é a gente que faz minha filha. Os homens não terminam nada que começam. É a gente que não desiste da luta, dos filhos, da família, de brigar pelo que é certo, pelos nossos direitos.

4. Bruna Silva

5. Claudia Rose

Se apresenta, por favor?

Meu nome é Claudia Rose Ribeiro da Silva, eu nasci na Maré na Baixa do Sapateiro . Cresci aqui e depois de adulta me mudei pra ilha do governador. Faço parte da coordenação do Museu da Maré, sou formada em história e desde o ano passado coordeno um CEJA aqui na Maré.

2- o que a Maré representa pra você?

A Maré é casa. Eu sei que a história não é feita de “se”, mas muito provavelmente eu não seria quem sou se tivesse vivido em outro espaço da cidade, com outras referências de vida. Aqui na Maré tudo é muito coletivizado e isso molda a gente.

3. O que a imagem de Orosina no muro do museu representa pra você?

Então.. Pra nós ela é proteção. Quando começaram as obras de avanço das lojas na nossa calçada, pensamos que íamos perdê-la. Aquela imagem é bem importante pra nós porque foi pintada em 2016 em uma ação com Marielle e outras mulheres daqui. Não sabemos porquê, mas o avanço das lojas parou exatamente na imagem dela, não a encobriu. Ou seja, ela protegeu a si mesma! A gente sempre viu Orosina como guardiã do Museu, depois disso só tivemos mais certezas.

4- qual sua opinião sobre o processo de resgate de memória que acontece via muros na Maré?

Quando começamos os processos de registros das imagens, éramos só jovens curiosos que precisávamos saber o que os velhos tinham feito no saneamento pra podermos arrumar. Começamos a gravar pra não esquecermos e com isso fomos gerando um valioso arquivo. Como tudo que fazemos na favela, não era muito racionalizado. Hoje a gente sabe o que faz. Fomos estudar e voltamos pra aprimorar nossas ações. Não somos mais objeto de estudo dos outros, a gente produz nossa memória, cuida dela, registra, mobiliza os nossos.

5- se você pudesse mandar uma mensagem para dona Orosina Vieira, fundadora da Maré, qual mensagem seria?

Muito Obrigada! eu diria! Não cheguei a conhecer Orosina pessoalmente, mas conheço suas narrativas e ela me molda todos os dias. tudo que fazemos no Museu da Maré é dando continuidade ao que ela começou.

6- você vê relação entre a existência das mulheres na favela e a luta por direitos? Se sim, Como ela se dá no cotidiano da favela?

A energia da Maré é feminina. Eu não desprezo a mobilização comunitária que também é movida pelos homens. Mas quando olhamos para nossas histórias certamente só vemos mulheres. Eu mesma quando olho pra minha história como mulher negra mareense, vejo minha mãe, minha avó e muitas outras mulheres da Maré que me cuidaram, que cuidaram da Maré pra que eu pudesse viver num lugar

melhor. Então sim, a regência é nossa. Aqui no Museu temos um grupo no zap das pessoas que cuidam e ele chama As mulheres do Museu justamente por conta da relevância das mulheres pra manter tanto o local quanto as memórias deste lugar .

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas – Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985b.
- FOUCAULT, Michel. A linguagem ao infinito. Telquel. n.15, outono de 1963
- SANTOS Elaine Cristina Moraes (Catálogo USP). Griot digital: ressignificando a ancestralidade afro-brasileira na educação . Faculdade de Educação - USP, 2020
- MARTINS, Leda Maria. A fatalidade do desejo Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 7, 2000 p. 75-85
- ARBEX,,Graciela;Márcia (Orgs.). *Performances do tempo espiralar*. In: RAVETTI, Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras, UFMG, 2002, p. 69-92.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- LOPES, Nei, Ifá Lucumí: o resgate da tradição Capa comum – Edição padrão, 30 junho 2020
- Mulheres, raça e classe: DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução: Heci Regina Candiani (1 Ed.). São Paulo: Boitempo, 2016
- LORDE, Audre. Irmã Outsider: Ensaios e Conferências. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MARTINS, Leda Maria Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela / Leda Maria Martins. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- PRANDI, Reginaldo Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SASSONE, Lívio. Negritude sem Etnicidade. Salvador, BA: EDUFBA Pallas; 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25).
- HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.
- RUFINO, L. Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação. Revista Exitus, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 262 - 289, !987 edição 2019.

site

Memorias do Suburbio Carioca

Luis

Antonio

Simas

2021

<https://iree.org.br/exu-benjamin-e-as-centelhas-de-esperanca/>

A historia da Maré; como tudo começou.

https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21758/21758_6.PDF